

"Causos"

na Educação Física: resenhas da área

Organizador:
UBIRATAN SILVA ALVES

Autores:

ALEXSANDRO DA SILVA
CELSO LUIZ BASTOS
CLEBER LUCAS SANTOS
DEBERSON FERREIRA DE ALMEIDA
ENOCK DE GOES SANTANA
EVERALDO VIEIRA SILVA
IVAN CANDIDO DE SOUZA
LUCAS DUARTE TAVARES
LUCIANA LOMAKINE
LUIZ AURÉLIO CHAMLIAN
MARCELO FEITOSA DA SILVA
MARCO ANTONIO UZUNIAN
MARCONE BARROS DOS SANTOS
PÉRICLES DE FREITAS FERREIRA
RODNEY BATISTA DOS SANTOS
SERGIO LUIZ DE SOUZA VIEIRA
SHEILA PEREIRA DA SILVA
SILVIA MARIA PEREIRA
THERENCE SANTIAGO ALVES FEITOSA

 **Atena**
Editora
Ano 2023



“Causos”

na Educação Física:

resenhas da área

Organizador:
UBIRATAN SILVA ALVES

Autores:

ALEXSANDRO DA SILVA
CELSO LUIZ BASTOS
CLEBER LUCAS SANTOS
DEBERSON FERREIRA DE ALMEIDA
ENOCK DE GOES SANTANA
EVERALDO VIEIRA SILVA
IVAN CANDIDO DE SOUZA
LUCAS DUARTE TAVARES
LUCIANA LOMAKINE
LUIZ AURÉLIO CHAMLIAN
MARCELO FEITOSA DA SILVA
MARCO ANTONIO UZUNIAN
MARCONE BARROS DOS SANTOS
PÉRICLES DE FREITAS FERREIRA
RODNEY BATISTA DOS SANTOS
SERGIO LUIZ DE SOUZA VIEIRA
SHEILA PEREIRA DA SILVA
SILVIA MARIA PEREIRA
THERENCE SANTIAGO ALVES FEITOSA

Atena
Editora

Ano 2023

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Ellen Andressa Kubisty

Luiza Alves Batista

Nataly Evilin Gayde

Thamires Camili Gayde

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2023 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2023 Os autores

Copyright da edição © 2023 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia
 Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora
 Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
 Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade de Coimbra
 Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
 Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
 Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
 Profª Drª Caroline Mari de Oliveira Galina – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
 Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
 Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
 Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
 Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
 Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
 Profª Drª Geuciane Felipe Guerim Fernandes – Universidade Estadual de Londrina
 Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
 Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
 Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
 Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. Jodeyson Islony de Lima Sobrinho – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
 Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
 Profª Drª Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso
 Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
 Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
 Profª Drª Kátia Farias Antero – Faculdade Maurício de Nassau
 Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
 Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
 Profª Drª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
 Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
 Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
 Profª Drª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
 Profª Drª Marcela Mary José da Silva – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
 Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
 Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
 Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
 Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Federal da Bahia /
Universidade de Coimbra

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

“Causos” na Educação Física: resenhas da área

Diagramação: Ellen Andressa Kubisty
Correção: Flávia Roberta Barão
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Ubiratan Silva Alves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
C374	“Causos” na Educação Física: resenhas da área / Organizador Ubiratan Silva Alves. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2023. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-1766-8 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.668231608 1. Educação Física. I. Alves, Ubiratan Silva (Organizador). II. Título. CDD 796
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

A Educação Física é uma grande área de intervenção profissional onde os profissionais atendem os mais diversos grupos sociais, nos mais diferentes locais com uma grande variedade de objetivos. Está-se falando de atividades profissionais nos mais diversos campos de atuação, seja nas escolas, nos clubes, nas academias, em hotéis, como *personal trainer*, na recreação, em clínicas, com pessoas com deficiência, entre outras.

Todos nós da Educação Física que atuamos na área passamos em algum momento por situações peculiares, constrangedoras, inusitadas, engraçadas, inesperadas, tristes, perigosas, pitorescas, tensas ou qualquer ocorrência fora dos parâmetros ditos normais.

Esta obra foi escrita por diferentes profissionais de Educação Física em suas diversificadas intervenções profissionais dentro da área mostrando estes eventos de modo detalhado e, diga-se de passagem, reais e verdadeiros!

Vale ressaltar que nem os profissionais que contaram suas histórias, nem os possíveis atores participantes serão identificados nominalmente evitando assim algum tipo de constrangimento.

Neste sentido os eventos serão apresentados na primeira pessoa do singular visto que foi vivenciado e escrito por cada um de nós.

Divirta-se e conheça um pouco mais do que a nossa maravilhosa área da Educação Física pode oferecer de inesperado e, conseqüentemente de aprendizado que resolvemos dividir com vocês.

P.S. O livro é dividido em duas sessões onde na primeira apresentamos os “causos” de modo mais detalhado e na segunda colocamos a sessão chamada de RAPIDINHAS onde serão expostos fatos isolados e pontuais que também aconteceram na área da Educação Física.

O CUSPE PEDAGÓGICO	1
LÍDER DO BEM.....	2
SÍNDROME DO BRANCO.....	3
PÉ PEQUENO CALÇADO GRANDE E VICE VERSA.....	4
BOMBEIRO APAGANDO "FOGO"	5
VOVÓS QUESTIONADORAS	6
BEBIDAS? NUNCA VI	7
HAVAIANAS CAMUFLADAS.....	8
"AQUI TODO MUNDO É CB!"	9
ONDE FICA O OSSO?	10
CONSCIÊNCIA, SEM CIÊNCIA.....	11
CONTANDO CABEÇAS	12
60 CONTRA 2	13
GIRA A RODA DA EDUCAÇÃO FÍSICA	14
RESOLVIDO! MAS COM PIJAMAS.....	15
SURFANDO COM A TAÇA NA SOPA	16
MEU FILHO ERA PASSIVO OU ATIVO?.....	17
JOGADOR CARO NÃO TREINA FÍSICO	18
DESCOBRINDO UM PRECINHO	19
REMÉDIO CONTROLADO NÃO SE PARA DE TOMAR	20
PROFESSOR CASAMENTEIRO.....	21
RESPONSABILIDADE E REFERÊNCIA DO PROFESSOR.....	22
COMBINADO ÀS VEZES NÃO SAI CARO.....	23
NÃO VAI SOBRAR PEDRA SOBRE O PEDREIRO	24
QUEM VÊ COR NÃO VÊ CORAÇÃO	25
RAPIDINHAS	26
PAREDE NO LUGAR ERRADO	26
O EDITAL	26

VÃO-SE OS ANÉIS E FICAM OS DEDOS.....	26
A CHUTEIRA	26
ILUMINANDO CAMINHOS PARA O ESPORTE	27
PESO GELADO.....	27
SALÁRIO NÃO SE CONTA!	27
FOGO AMIGO.....	28
A QUADRILHA!	28
TRAÍÇÃO NA FORMATURA	28
HOMEM ARANHA	29
CANO PRA QUE TE QUERO.....	29
SIGLAS QUE SE CONFUNDEM	29
O MITO DA CAMISA 10	29
REUNIÃO PEDAGÓGICA COM A (INDI)GESTÃO	30
FÉRIAS SÃO FÉRIAS	30
PIRIRI DO PERERÊ	30
CARRO NA MATRÍCULA.....	31
SÓ CAMISA DE LINHA	31
COMUNIDADE ATIVA	31
XIXI EM FAMÍLIA.....	32
PROFESSOR BOM, FAZ TUDO! OU NÃO	32
FUT NAS NUVENS	32
DESCOBERTA NA SOMBRA	33
MINHAS CRIANÇAS E SEUS PÉS NO CHÃO	33
EVOLUÇÃO E MUDANÇA EXPRESSA	33
BOLA NA TRAVE BOLA NO NARIZ	34
QUEM NÃO DANÇA SEGURA A CRIANÇA	34
BOLA NA CAÇAMBA	34
QUEIMADA “EM NOME DE JESUS”	35

UM TRIO COM MAIS DE TRÊS	35
CARRINHO DE BASQUETE	35
O CUIDADO COM A ÁGUA.....	36
AULA CERTA: LUGAR ERRADO	36
JORNADA NAS ESTRELAS INVERTIDA	36
MORTE FORA DO CURRÍCULO	37
NESTA CASA TEM GOTEIRA: PINGA NA PROVA	37
EXAME MÉDICO: EXAME DE VIDA	37
VIRANDO A CHAVINHA.....	38
MEDALHAS DE OURO UNIDAS.....	38
TUDO E TODO MOLHADO	38
TIROS NA QUADRA	39
FIM DE AULA NO HOSPITAL.....	39
IOGURTE COM ÁGUA	39
OBRANDO NA SALINHA	40
APESAR DE TUDO, AINDA PREFERIDA.....	40
“CÊ É LOUCO TIO!!!”	41
ARMA NA CINTURA	41
CUIDADO COM A PALAVRA MORTE!	41
PACIÊNCIA COM INSISTÊNCIA E COMPETÊNCIA.....	42
DESMORALIZANDO A VITÓRIA ALHEIA.....	42
PAI FORTE	42
PERNAS ARQUEADAS PARA QUE TE QUERO	43
UM TAPINHA NÃO DÓI.....	43
PNL: VIRANDO O JOGO	43
REFLEXÕES.....	45
SOBRE OS AUTORES	46

O CUSPE PEDAGÓGICO

Atuava como professor de Educação Física numa escola pública e as aulas aconteciam a tarde, numa quadra muito boa, descoberta. A turma deste caso, a época estava na antiga 4ª série, hoje 5º ano do ensino fundamental tendo alunos com média de 10 e 11 anos. Eu estava desenvolvendo um grande jogo com todos os alunos na quadra usando bolas de plástico. Em determinado momento percebi que um aluno deu uma cuspidinha no chão da quadra. Imediatamente eu parei o jogo e o chamei para conversar dizendo que aquela atitude não era adequada para aquele local pois outras crianças poderiam pisar no seu cuspe ou até mesmo cair no chão e se sujar, inclusive ele. Até o final desta aula ele ainda deu mais uns dois cuspes no chão da quadra e foi prontamente advertido verbalmente por mim. Sua atitude foi chamada por mim de anti-higiênica. Na aula seguinte daquela turma, desenvolvíamos outro jogo na quadra e de início já percebi aquele aluno cuspidinho no chão novamente. Chamei-o e expliquei tudo de novo que havia explicado na aula anterior. Ele parecia muito atento a minha fala, mas sem demonstrar entendimento. O garoto continuou cuspidinho no chão da quadra e aquilo começou a me incomodar até porque, cada vez que eu o via cuspidinho (e ele não se preocupava em cuspir escondido) eu chamava a sua atenção. Numa das vezes que ele cuspiu eu perguntei a ele: “Você faz isso na sua casa?” E ele prontamente respondeu: “Faço!”. Aquela resposta me irritou tanto que ao final da aula fui com ele até a sala da coordenadora pedagógica para contar o caso e pedir para chamar os seus responsáveis. Ela disse que marcaria o encontro. Dois dias depois o pai do garoto estava lá para falar comigo. Fiz uma enorme explanação do evento e disse que o que mais havia me irritado era ele ter dito que fazia aquilo na casa dele. O pai, muito envergonhado disse que era verdade, que não só o garoto cuspiu no chão da casa, como todos que moravam também faziam. Fiquei muito surpreso com a fala daquele pai, mas sua explicação me convenceu. Ele disse que eles moravam numa favela perto da escola numa casa de madeira com chão de terra batida. Sendo assim era um ato comum a todos da família cuspirem no chão da sala, dos quartos, da cozinha, ou seja, em qualquer lugar da casa. Demorou algum tempo, mas enfim o garoto parou de cuspir na quadra e entendeu as circunstâncias e a importância de sua atitude para a escola, para ele e para os colegas.

LÍDER DO BEM

Atuava como professor de Educação Física numa escola pública, sem quadra, numa região considerada violenta. As aulas práticas ocorriam num local afastado, rústico, de difícil acesso e sem marcações que delimitassem o espaço com segurança. O local sempre tinha alunos de outras turmas perturbando o ambiente e dificultando as atividades. Iniciei a aula com atividades recreativas e combinamos que no final da aula eles poderiam fazer algum jogo. Ao final da aula, o líder em tom desafiador escolheu as equipes e o futebol como jogo. Sua equipe com 5 minutos de jogo já vencia por 6 a zero. Num dado momento o líder disse que o jogo havia acabado, que a aula havia acabado e que todos deveriam retornar as suas casas. Os alunos atenderam ao pedido e eu fiquei muito impressionado. Na saída dos alunos eu chamei 5 meninos habilidosos dizendo que queria fazer um jogo com eles. Pedi que fizessem um círculo, levantei a bola e pedi que demonstrassem suas habilidades futebolísticas. Aquele evento fez com que alguns alunos que estavam indo embora retornassem para ver a apresentação. Terminada a apresentação, dividi duas equipes com 3 meninos cada sendo que eu fazia parte de uma das equipes. Antes de iniciar o jogo eu disse: “Quem falar palavrão e/ou machucar algum colega será excluído do jogo. Eu quero que vocês mostrem que são craques!” O líder me perguntou se poderia jogar. Respondi que sim desde que ele ficasse no meu time. Chamamos mais três meninos e assim fizemos duas equipes com 5 jogadores cada uma. Eu sempre que tocava a bola para algum garoto pedia o toque de volta. Os gols demoraram a acontecer e eu sugeri ao líder que tocasse a bola para mim e corresse pela lateral na direção do goleiro adversário. O líder correu em direção ao goleiro adversário e eu toquei a bola para ele de cobertura que dominou e fez o gol. O líder comemorou muito o gol feito e, sem utilizar palavrões correu em minha direção para agradecer o passe e apertar a minha mão. No final do jogo o meu time venceu por 5x3 sendo que o líder marcou 3 vezes. No dia seguinte eu estava na sala dos professores antes de iniciar as aulas e o líder entrou para me pedir um carregador de celular emprestado. prontamente o emprestei. A partir daquele dia em todas as aulas de Educação Física da turma do líder ele dizia: “Vamos professor, o senhor tem aula com a minha turma e eu vou acompanhá-lo.” Parece que o líder passou a liderar de maneira mais positiva tornando-se um excelente aluno no que tange a notas e comportamento.

SÍNDROME DO BRANCO

Atuava como professor de Educação Física numa academia de ginástica fazendo avaliação física nos alunos. Fizeram um grande investimento na nossa equipe com cursos de leitura de eletrocardiograma (curso com o Dr. Enéas Carneiro – da frase “Meu nome é Enéas”), dobras cutâneas, testes físicos e compra de vários equipamentos de alto padrão a fim de montar um programa de atividades físicas para o aluno, de acordo com seus resultados, sua disponibilidade e a agenda de aulas da própria academia. Como eram feitas medidas de dobras cutâneas, ao fazerem a matrícula, agendavam a avaliação física e recebiam um folheto com informações sobre esta avaliação, como por exemplo solicitava-se que os homens viessem com shorts e camiseta e as mulheres com biquíni de duas peças. Isso facilitaria a mensuração de algumas dobras cutâneas. Os professores da academia eram patrocinados por uma grande marca de materiais esportivos e ganhávamos periodicamente uniformes completos com a marca da patrocinadora e da academia. A intenção era de que, ao usarmos este uniforme dentro da academia, induziria os alunos a comprar na loja existente no local. Num destes kits recebemos uma calça branca, tênis branco e camisa branca com as marcas da patrocinadora e da academia. Num dia normal de trabalho, eu estava na minha sala de avaliação física, com este uniforme branco esperando o próximo aluno a ser avaliado e na hora marcada entrou uma aluna que estava vestindo uma roupa de peça única, inteira, contrariando o nosso pedido. Expliquei a ela o que faríamos e como faríamos e a impossibilidade de iniciar a avaliação por conta de sua vestimenta. Ela escutou a explicação, mas de modo incontinente, abaixou a parte de cima de seu maiô dizendo: “Não tem problemas, fico de calcinha e sutiã! Médico não tem sexo”. prontamente eu disse: “Eu não sou médico. Sou professor de Educação Física”. Imediatamente ela subiu a parte de cima de sua vestimenta e disse “Porque você não me falou que não era médico? Eu respondi: “Eu disse que era professor de Educação Física.” Ela retrucou: “Porque então está de branco?” Eu repliquei: “Usamos este uniforme pois ganhamos da patrocinadora da academia sem escolher a cor”. No mesmo dia ainda conversamos e no fim ela entendeu o ocorrido. A aluna marcou nova data de avaliação e compareceu com biquíni de duas peças. Ela passou a frequentar a academia regularmente me procurando para tirar algumas dúvidas sobre os exercícios físicos e as aulas.

PÉ PEQUENO CALÇADO GRANDE E VICE VERSA

Atuava como técnico das equipes de jovens de uma escola pública para competições escolares nas modalidades de futsal e atletismo. Infelizmente muitos jovens não tinham calçados para participar dos treinamentos e das competições o que nos levava a fazer um revezamento entre eles para calçar os pés. Numa competição, a equipe de futsal faria seu jogo no mesmo dia e hora da competição de atletismo. Eu decidi ficar com a equipe de futsal na quadra e solicitei a um aluno mais velho que gerenciasse os colegas nas provas de atletismo. Nesse momento resolvi organizar durante o jogo de futsal algumas substituições na equipe em quadra para que os jovens pudessem sair da quadra e ceder o calçado para outros jovens que estariam em provas de atletismo. Essa organização tinha como principal meta ceder o tênis do mesmo número para aquele que iria utilizar. Além desse contratempo, alguns jovens que treinaram atletismo boa parte da temporada descalços se recusavam a calçar. No final das provas tivemos alguns bons resultados quando 3 jovens venceram as provas de 75 metros, mais 3 ganharam de 1000 metros e um ganhou a prova de salto em distância. Um professor de uma escola particular que também tinha jovens nas competições, contestou a participação dos nossos jovens que estavam descalços e assim rapidamente fomos buscar mais calçados na equipe de futsal ainda que não constasse no regulamento essa proibição. Chegando na quadra percebi que a equipe havia colocado os melhores atletas em quadra o que me fez reorganizar as saídas para troca de calçados visto que muitos estavam usando calçado número 39 tendo seu número real 35. Essas trocas demandavam certo tempo para que o calçado daquele que saía da quadra coubesse no pé do jovem que iria entrar. Esse evento gerou represália por parte da arbitragem que entendeu que aquilo seria uma forma de ganhar tempo no jogo visto que o placar estava a nosso favor. Na sequência, a partir daquele momento do jogo, os jovens foram proibidos de trocarem de calçado ao sair ou entrar na quadra. Esse cenário comoveu alguns professores de outras escolas que tentaram oferecer calçados para nossos jovens poderem competir. Depois de todos os entraves, saímos vencedores deste jogo e classificados para o jogo final. Terminado o torneio, fomos campeões de futsal e obtivemos duas medalhas de ouro no atletismo o que gerou a oferta de bolsas de estudos em escolas particulares para que nossos jovens treinassem e estudassem nestas instituições privadas.

BOMBEIRO APAGANDO "FOGO"

Atuava como docente em um curso de graduação em Educação Física numa faculdade. Nesta mesma Instituição eu ministrava, semanalmente, aulas para senhoras num curso da terceira idade. Essa instituição contava com um grupo de profissionais bastante qualificado, entre eles enfermeiros, socorristas e bombeiros. Esses profissionais, em especial, tinham grande atenção principalmente nas atividades daquele grupo da terceira idade. Numa das aulas práticas que eu ministrava para o grupo da terceira idade, notei que uma senhora se afastou da atividade e foi se sentar num banco demonstrando não estar passando bem. Ao perceber o afastamento daquela senhora, prontamente me dirigi a ela perguntando se ela estava passando bem e se tinha acontecido alguma coisa com ela. A senhora me respondeu dizendo que não estava se sentindo muito bem e por isso saiu da atividade. Nesse momento parei a atividade, invoquei um pequeno intervalo e suas amigas também se aproximaram para ver o que estava acontecendo e poder ajudar. A senhora aparentemente se recuperou, tudo voltou ao normal, retomamos as atividades e aquela aula, como todas as outras, terminou com um belo lanche organizado por elas. A informação do mal-estar daquela senhora já havia sido espalhada pela faculdade e, durante o lanche, o bombeiro plantonista do local veio atendê-la aferindo sua pressão e fazendo perguntas sobre doenças e medicamentos. Nada detectado, todos fomos embora. Na aula seguinte da próxima semana, antes de iniciarmos as atividades práticas, procurei aquela senhora que havia passado mal e ela não estava presente. Me dirigi a algumas senhoras amigas dela e perguntei como estava aquela senhora que havia passado mal na nossa última aula. Elas, com olhares e sorrisos irônicos nos lábios questionaram-me se eu não havia percebido nada diante daquele episódio da aula anterior. Ingenuamente eu respondi que não. Elas então me disseram que aquela senhora que havia passado mal na aula anterior estava paquerando o bombeiro e simulou um mal-estar, pois havia feito uma aposta com as demais senhoras que o bombeiro iria falar com ela aquele dia. A simulação deu certo, o bombeiro foi atendê-la e conseqüentemente foi falar com ela e aquela senhora havia ganhado a aposta. Nessa história realmente até eu fui enganada, pois realmente pensei que aquela senhora estava passando mal.

VOVÓS QUESTIONADORAS

Atuava como professor de Educação Física numa escola pública operando como substituto numa turma de 2º ano do ensino fundamental com uma média de 45 alunos. Essa escola não possuía quadra de esportes e nossas aulas eram desenvolvidas efetivamente num corredor, bem estreito. Esse corredor dava acesso à rua e tinha um portão que ficava permanentemente aberto o que me fez ministrar as aulas perto deste portão, mais especificamente em frente ao portão, evitando assim que os alunos saíssem da escola durante minha aula. Numa destas aulas recebi estagiários do antigo CEFAM (Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério) para me acompanhar. Ao terminar a aula, até então sem alteração, solicitei aos alunos que fossem ao banheiro fazer higiene pessoal antes de retornarem à sala de aula e pedi que os estagiários os acompanhassem para que eu pudesse ficar no portão evitando possíveis fugas visto que alguns alunos aparentemente tinham esta intenção. Passados mais ou menos 3 minutos, um dos estagiários veio na minha direção e disse que tinham dois meninos no banheiro, sem roupa “fazendo aquilo”. Questionei-o e perguntei exatamente o que seria “fazendo aquilo”? Ele disse que estavam um atrás do outro, sem roupa. Perguntei então se ele estava querendo dizer que os alunos estavam numa “relação carnal”? Ele prontamente disse que sim. Questionei-o sobre o que teria feito e ele disse que havia levado os meninos até a sala da direção. Me dirigi até a diretoria e encontrei os dois meninos lá dentro demonstrando estarem bastante envergonhados. A equipe de direção se mobilizou para chamar os responsáveis pelos alunos e relatar o ocorrido. Questionados sobre o paradeiro de seus pais, ambos disseram que o Pai estava preso. Um deles não tinha mãe e a mãe do outro estava trabalhando impossibilitando sua ida a escola. Neste cenário quem compareceu a escola foram as respectivas avós. A primeira a chegar escuta por parte da diretora o ocorrido e, terminada a exposição do fato, pede a palavra e faz a seguinte pergunta: “Meu neto estava na frente ou atrás?” Respondemos a ela que esta informação no momento não era relevante, pois gostaríamos sim de entender os motivos que levaram as crianças a fazerem aquilo. Posteriormente chega a avó do outro aluno que também escuta a história contada novamente pela diretora e faz exatamente a mesma pergunta: “Meu neto estava na frente ou atrás?” A preocupação das avós parecia ser se o neto era ativo ou passivo.

BEBIDAS? NUNCA VI

Atuava como docente em um curso de graduação em Educação Física que tinha como foco de formação as práticas de intervenção profissional da área em diferentes locais. Todo final de semestre um grupo de professores organizava um acampamento educacional num sítio onde um dos professores havia atuado por muito tempo como coordenador do espaço. Agendávamos um final de semana que o sítio estaria exclusivamente sendo utilizado pelos nossos alunos. Saíamos na sexta-feira à noite depois da aula e retornávamos domingo no final da tarde. Os alunos iam com os ônibus e nós íamos com um carro para apoio. A ideia deste evento era colocar os alunos em contato direto com este tipo de local onde um profissional de Educação Física faz intervenções com atividades recreativas e de lazer. Das regras combinadas, uma delas impedia terminantemente que se levasse qualquer tipo de bebida alcoólica. Após o embarque dos alunos no ônibus na sexta-feira à noite, percebemos uma movimentação que indicaria que havia bebida alcoólica nas bagagens. Chegamos ao sítio por volta da 01h00 (madrugada) e os funcionários ofereceram uma ceia antes de irmos dormir. Os ônibus ficavam estacionados num local próximo aos alojamentos, porém distante do local onde iria ser servida a refeição. Chegando lá, os alunos desembarcaram deixando toda bagagem nos ônibus. Enquanto dois professores acompanhavam os alunos para alimentação, eu e outro professor entramos nos ônibus para procurar bebidas alcoólicas. Obviamente achamos muitas garrafas e as confiscamos no nosso carro. Terminada a refeição, os alunos foram pegar as bagagens para dormir e nós ficamos acompanhando para garantir que tudo aconteceria da melhor maneira possível e novamente uma estranha movimentação indicava a percepção do sumiço das bebidas. Nós professores ficamos disfarçando como se não soubéssemos o que estava acontecendo. Agitados e sem poder cobrar de nós pelo sumiço de algo que era proibido, todos dormiram. Sábado pela manhã acordamos e iniciamos as atividades que se estenderam até o final do dia. Fomos dormir e domingo as atividades continuaram até o final da tarde quando retornamos. Antes de desembarcar na chegada, seguramos os alunos dentro dos ônibus por um tempo, pegamos as bebidas que estavam no nosso carro e as recolocamos no bagageiro do ônibus, tal qual nós havíamos retirado. Sem falar nada os alunos pegaram suas bagagens e as bebidas e foram embora. Dizem que alguns beberam alguns goles naquele dia mesmo.

HAVAIANAS CAMUFLADAS

Atuava como professor de Educação Física num espaço público que atendia senhoras da terceira idade com atividades físicas. Naquele período eu era responsável pelas atividades físicas com as senhoras no meio líquido, ou seja, na piscina. A piscina era muito agradável, limpa, espaçosa e segura em todos os sentidos, principalmente para este público que deve ter atenção redobrada. A quantidade de senhoras participantes era muito grande com pouca desistência e sim com algumas inclusões de novas alunas. Numa das aulas, uma aluna me procurou antes de iniciarmos as atividades para apresentar sua amiga que estaria sendo incluída naquele grupo, pois já havia passado pelas consultas médicas e feito os exames que a liberavam para esta atividade. A aluna antiga avisou que sua amiga nunca tinha tido contato com atividades físicas no meio líquido, em piscinas com orientações de profissionais de Educação Física. Me dirigi aquela senhora para uma rápida conversa e, percebendo sua timidez, preferi deixá-la à vontade tendo ainda suporte de sua amiga. Após cada uma das alunas colocar seu maiô e touca estando prontas para entrar na piscina, dei o comando e as mesmas entraram, umas pela escadinha outras, mais experientes, fazendo mergulhos. Iniciei as atividades da aula fazendo um aquecimento com caminhadas e saltos. Durante esta parte da aula eu reparei que aquela senhora que estava na aula pela primeira vez tinha muitas dificuldades em caminhar, em se deslocar, e notei que ela ficou perto da escadinha, se segurando e apoiando na mesma. Continuei com os exercícios da aula, preocupado com a segurança daquela senhora, mas decidi não a constranger com algum tipo de exposição que eu pudesse fazer quanto ao seu comportamento. Terminamos a aula e eu me posicionei perto da escadinha para ajudar as senhoras a saírem da piscina. Quando aquela senhora que estava na aula pela primeira vez saiu da piscina pela escadinha reparei que a mesma estava com suas sandálias havaianas nos pés e por isso teve dificuldades em sair da piscina e percebi que, na verdade, seu comportamento na aula aconteceu por conta dela estar com o calçado. Perguntei a ela porque não havia tirado a sandália e ela disse que não tirou porque eu não havia pedido a ela para tirar. Tentei segurar o riso, mas me contive diante da seriedade dela em obedecer literalmente aos comandos do professor e, a partir daí, antes de dar o comando para as senhoras entrarem na piscina, solicitava sempre que tirassem a sandália.

"AQUI TODO MUNDO É CB!"

Atuava como docente em um curso de graduação em Educação Física que tinha como foco de formação as práticas de intervenção profissional da área em diferentes locais. Constantemente os docentes desse curso organizavam eventos das mais variadas temáticas a fim de oportunizar os alunos na participação de intervenções profissionais. Aliada as possibilidades de experimentação profissional por parte dos alunos da graduação, estava a conquista de novos alunos. Uma das formas para essa captação foi organizar um campeonato esportivo envolvendo escolas de Educação Básica da região, em especial aquelas que tinham ensino médio. No nosso planejamento inicial estávamos acreditando que teríamos poucas escolas que aderissem ao convite e por isso prevíamos apenas um torneio de futsal numa única quadra. Para nossa grata surpresa, tivemos a inscrição de quase 100 escolas, públicas e particulares e, a pedido das escolas, ampliamos as modalidades esportivas em disputa incluindo basquetebol, voleibol, handebol, atletismo e natação. No final das inscrições contabilizamos mais de 300 equipes participando do evento e para isso fizemos uma parceria com um espaço que tivesse mais quadras, pista de atletismo e piscina. O sucesso desse montante ocorreu principalmente pelo não pagamento de nenhuma taxa de inscrição, arbitragem ou outras, visto que toda a organização de tabelas, arbitragem e assessoria estaria a cargo do nosso curso que à época contava com mais de 1000 alunos além do apoio da Universidade. O evento era para durar um final de semana, mas se estendeu por 3 meses. Perto da fase dos jogos finais da modalidade de futsal, percebemos que, num dos jogos, estava havendo certo tumulto e descontrole de alguns jogadores (alunos da Educação Básica) em relação aos adversários e aos árbitros (alunos do curso de graduação). Eu e outro professor nos aproximamos dessa quadra, paramos o jogo e chamamos os jogadores de ambas às escolas para conversar. Fizemos um pequeno sermão (como de praxe) falando sobre lealdade, respeito às regras, violência entre outras coisas. Terminado o discurso um aluno de uma das equipes disse “Não se preocupem! Aqui todo mundo é CB! Somos Sangue Bão! Pode continuar o jogo que não vai acontecer nada com ninguém”. Ficamos sem reação com as palavras do garoto, mas vimos que todos acolheram e aceitaram aquela manifestação e o jogo seguiu. Até hoje o grupo de professores que atuou naquela Universidade e participou daquele evento é tratado como sendo “CB: Sangue Bão!”

ONDE FICA O OSSO?

Atuava como docente em um curso de graduação em Educação Física e, 30 minutos antes de acabar as aulas de anatomia, um professor que se orgulhava em ser reconhecido pela sua rigidez e expertise realizava uma sabatina com os alunos que tinham muito medo de errar as respostas. Iniciou as perguntas: “Quais ossos compõem o crânio humano?” Os alunos responderam: “Dois ossos parietais, dois temporais, o esfenoide, o frontal, o etmoide e o occipital”. E o professor continuou a perguntar e o grupo a responder. O professor então indagou: “Estou percebendo que em equipe vocês são ótimos, vamos averiguar individualmente!” Convocou um aluno e perguntou: “Quais ossos compõem uma mão humana?” O aluno acertadamente respondeu. O professor chamou outro aluno que titubeou em responder à pergunta. Seus colegas queriam responder, mas foram impedidos pelo professor. O professor convocou outro aluno e perguntou: “Onde se localizam os ossos sesamóides?” O aluno ia responder, mas gaguejou de nervoso e, contraindo alguns músculos da face, devido a um cacoete que possuía, disse com dificuldades: “São nos tendões e músculos.” O professor então retrucou: “Meu caro aluno, não tenha raiva de mim, pois faço essas perguntas para o seu bem e não admito que expresse sentimento de raiva contra a minha pessoa!”. O aluno rebateu: “Eu não estou entendendo professor, em momento algum tive tais sentimentos.” E o professor acrescentou: “Não se faça de inocente! Você contraiu o orbicular dos lábios em seu lado esquerdo, além de outros músculos faciais significando estado de ironia.” Um colega reagiu: “Professor o senhor foi traído pelo seu perfeccionismo em interpretar o fato pelo seu lado crítico e não pela razão do acontecido. O meu colega tem cacoetes e o expôs ao lhe responder”. O professor replicou “Até em você observo revolta comigo! Quando passarem a estudar os músculos faciais poderão analisar melhor essa nossa discussão!” Outro aluno foi chamado: “Onde está localizado o osso esfenoide?”. Ele respondeu com dúvidas: “É um dos ossos que compõem mão.” O professor então faz uma analogia para fechar com chave de ouro a questão: “Você acaba de driblar o goleiro adversário, ficando quase embaixo do travessão, com bola entre seus pés e de repente chuta a bola para a lateral. O osso esfenoide está localizado na cabeça e o escafoide fica no pulso. Você deu um chute bem longe da meta e, o time que você almeja jogar, não admite erros por incompetências! Até a próxima aula!”

CONSCIÊNCIA, SEM CIÊNCIA

Antes de ingressar no curso de graduação em Educação Física fui aluno de um seminário para formação de padres. Fazendo parte da equipe do local, havia um Frei que era muito bondoso, generoso, culto, brincalhão e caridoso e nos acompanhava e nos instruía em muitas atividades. Entre tantas desenvolvidas pelo referido Frei, o mesmo ainda era “dono” de um time de Futebol num projeto social gerenciado pelo seminário que tinha como jogadores algumas crianças da região e frequentavam o local para instruções, treinos e jogos. Esse trabalho social com as crianças era muito interessante em vários aspectos, exceto pelo fato daquela equipe ser considerada de baixo nível técnico e invariavelmente perdia os jogos que disputava. Dentro daquele local, do seminário, todos sabiam de nossas atividades anteriores ao ingresso e, o Frei, por saber que eu já havia praticado Judô, me pediu, as vésperas de mais um importante jogo daquela sua equipe, para organizar, oferecer e comandar um treinamento físico para os garotos. Segundo o Frei, a ordem era para eu ministrar o que ele chamou de “Ginástica de fortalecimento” a fim de preparar os garotos do time para o próximo jogo que, em especial era classificatório para a próxima fase do campeonato. Num primeiro momento tentei fugir da ordem explicando ao Frei que o treinamento de Judô não tinha muitas semelhanças com o treinamento do futebol, mas, mesmo assim, ele insistiu dizendo que meu treino ajudaria “o moral” dos garotos e que com certeza venceríamos o jogo. Diante disso, em nome da “Santa Obediência” adquirida no seminário, planejei e apliquei o treino do Judô para os garotos com toda intensidade desta modalidade. Naquele dia do treinamento os garotos ficaram muito confiantes, alegres e radiantes, expandindo essa felicidade para os olhares do Frei. Entretanto, no dia seguinte ao treino, apareceu um “demônio” entre os garotos chamado de “ácido lático” (que eu não conhecia, mas pude conhecer na faculdade de Educação Física) que os deixou praticamente sem possibilidade de jogar devido as dores musculares. Mesmo assim foram para o jogo e a equipe, como de costume, perdeu, mas desta vez com um placar bastante elástico: 18X0. Terminada a partida o Frei incorporou o chamado “Nosferatu” (personagem de terror) e me perseguiu por mais de três dias dentro do seminário, pois queria “me matar!”. Eu consegui fugir por todo esse tempo e aos poucos o Frei voltou ao seu estado normal de equilíbrio e a paz voltou a reinar naquele local.

CONTANDO CABEÇAS

Atuava como coordenador geral num acampamento onde recebíamos frequentemente alunos de escolas, igrejas, famílias, etc. para desenvolver atividades recreativas com os acampantes das mais diferentes idades. Após terminar o dia de atividades eu sempre fazia uma reunião de fechamento do dia para discussões e reflexões dos ocorridos bem como para as organizações e perspectivas das atividades do próximo dia. Terminada a reunião, dispensei os monitores dizendo que iria ficar na sala por mais algum tempo antes de dormir. Todos saíram e depois de um tempo um dos monitores retornou à sala dizendo que estava faltando uma criança em seu alojamento. Questionei como ele havia percebido o sumiço. Ele disse que passou pelas camas para cobrir as crianças, pois estávamos num período de temperaturas baixas, e numa destas camas não havia nenhuma criança. Fui com o monitor até o alojamento que ele era responsável e pedi a ele entrar novamente com calma e verificar a ausência ou não da criança. Ele entrou no alojamento e depois de um tempo voltou dizendo que realmente a criança não estava lá. Perguntei ao monitor se a criança tinha algum parente que veio junto, primo, irmão ou ainda algum amigo próximo que poderia estar em outro alojamento e ele disse que não. Fomos então ao outro alojamento e acordamos o monitor que estava dormindo questionando-o sobre a possibilidade de ter visto a criança sumida. Sucessivamente fomos aos demais alojamentos, acordando todos os monitores e nenhum havia visto a criança. Fomos à enfermaria para ver se a criança havia passado por lá, e, a enfermeira acordou assustada dizendo que não havia atendido nenhuma criança naquele dia. Depois de mobilizar todos os monitores e funcionários do acampamento, iniciamos uma caça a criança na madrugada que se iniciava. Ao passar pela piscina vimos um boné boiando e veio um grande desespero em todos envolvidos. Nesse momento tentei acalmar a todos e tive uma ideia que seria de entrar em cada alojamento para fazer a contagem das cabeças das crianças. Entrei no primeiro alojamento e comecei a colocar a mão nas cabeças das crianças, muitas delas embaixo de seus cobertores por conta do frio. Depois de passar a mão na cabeça de várias crianças me deparei numa cama onde havia uma cabeça e dois pés, ou seja, a criança sumida estava dormindo na cama de um amigo, porém “do outro lado”. Toda a equipe ficou muito emocionada e muito feliz por termos encontrado a criança.

60 CONTRA 2

Atuava como professor de Educação Física numa escola pública que tinha duas turmas por ano, ou seja, duas turmas de 1º ano, duas turmas de 2º ano e assim por diante até o 3º ano do ensino médio. Pela divisão de aulas, a fim de atingir a quantidade estabelecida, uma das turmas do 1º ano do ensino fundamental tinha aula comigo e a outra turma de 1º ano do ensino fundamental tinha aula com um colega. Pela montagem do horário de aulas, a fim das professoras de sala do 1º ano do ensino fundamental terem a possibilidade de se encontrar para discutirem planejamentos, as aulas de Educação Física e de Arte eram no mesmo dia e no mesmo horário. Essa escola, ainda que pública, era muito privilegiada em relação a espaços e materiais o que permitia que duas turmas tivessem aulas de Educação Física ao mesmo tempo. A época, as crianças com 6 anos de idade, invariavelmente pediam a mim e ao meu colega para fazer jogos de futebol. Constantemente negávamos sempre propondo atividades novas, desafiadoras, criativas e empolgantes. Numa destas aulas em que as duas turmas estavam juntas, eu e meu colega resolvemos propor as crianças um desafio: faríamos um jogo de futebol tal qual era pedido deles! Entretanto a regra seria que todos os alunos seriam de uma mesma equipe e jogariam contra nós dois, ou seja, 60 contra 2. A outra regra era que o jogo terminaria a 1 gol, ou seja, quem fizesse o primeiro gol venceria o jogo. Por fim, caso eu e meu colega vencêssemos o jogo eles não pediriam mais para jogar futebol até o final do ano, mas caso eu e meu colega perdêssemos o jogo, teríamos uma aula por mês só de futebol. Todos toparam e fomos para um campo de futebol society com chão de areia que tinha na escola. Combinei com meu colega (que não era muito habilidoso no futebol) que eu ficaria atuando no nosso gol, como goleiro ele seria jogador de linha. Pedi a ele que ficasse dentro da área do goleiro das crianças para que eu pudesse fazer lançamentos para ele. As crianças atacavam nosso gol, constantemente, de modo impiedoso e eu sempre conseguia fazer as defesas repondo a bola imediatamente para meu colega dentro da área das crianças que tentava fazer o gol, mas invariavelmente perdia. Passaram-se mais de 25 minutos até que num dos meus lançamentos meu colega fez o gol. Vencemos o jogo. As crianças ficaram arrasadas e um colocava a culpa no outro. Com muito choro das crianças, não tivemos mais que escutar os pedidos de futebol, ainda que algumas das aulas nós propusemos o jogo.

GIRA A RODA DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Atuava como professor de Educação Física numa escola pública e uma de minhas alunas ficou grávida. O bebê nasceu no início do segundo semestre e era levada para a escola, para minhas aulas visto que a mãe queria participar das atividades porque gostava de praticar esportes. Neste cenário eu me senti responsável pela situação tendo disponibilizado meus cuidados com a criança para que a mãe pudesse participar das aulas. Vez ou outra a mãe parava de fazer aula para amamentar seu bebê. Felizmente a bebê era muito carinhosa e calma o que favorecia contato de todos para os necessários cuidados. Esse panorama se estendeu até o final do ensino fundamental, contabilizando 3 anos da presença da bebê durante nossas aulas. Posteriormente eu me afastei das atividades docentes desta escola para cursar o mestrado, retornando ao término do curso para mesma escola. Numa das turmas de 1º ano do ensino fundamental, uma garotinha me chamou a atenção, pois sempre ficava me procurando na minha sala, se aproximando e conversando comigo. Eu a investigatei: “Você gosta muito de Educação Física né?” Ela respondeu: “Eu gosto muito do senhor! Eu sempre acompanhei suas aulas.” Eu disse: “Sempre?” Ela disse: “Sim! Desde que eu era bebezinho, até os meus 3 anos de idade.” E ela continuou: “Minha mãe foi sua aluna e me trazia para suas aulas.” Essa menina tornou-se uma das alunas mais participativas e ativas na Educação Física, pois, segundo ela, vem participando das aulas desde quando era um bebê. Passado um tempo, encontrei a mãe desta menina cursando Educação Física numa faculdade que eu ministrava aulas na graduação. Conversei com ela sobre sua filha e as aulas na escola e ela muita agradecida relatou o gosto da filha pelas práticas esportivas. A aluna continuou sua fala dizendo que toda aquela situação referenciada e vivenciada por ela e por mim, fez com que optasse em cursar Educação Física, ou seja, para ela eu tinha sido a sua grande inspiração para se tornar uma professora de Educação Física. Ela dizia que a Educação Física é uma profissão que sensibiliza e motiva as pessoas tendo efetivamente meu comportamento como referência. Isso me deixou extremamente gratificado e orgulhoso percebendo como é a roda da vida na profissão de professor de Educação Física. Neste caso, dei aulas na escola à mãe e à filha e, na faculdade à mãe. Não terminada a história, certo tempo depois a mãe foi ser minha estagiária numa das escolas que eu atuava como professor.

RESOLVIDO! MAS COM PIJAMAS

Atuava como professor de Educação Física numa escola particular e as aulas de Educação Física eram no contra turno, ou seja, quem estudava de manhã tinha aula a tarde e vice-versa. Nessas aulas a escola fazia junção de turmas, ou seja, mais de uma turma tinha aula ao mesmo tempo. Numa destas turmas juntadas, do período da manhã, haviam três irmãos, sendo duas garotas e um garoto. Durante as explicações do que seria feito na aula, os três sempre acompanhavam de perto, mas no momento da atividade prática o garoto ia para a arquibancada, na sombra, não participava e no final da aula vinha responder a presença na chamada. As suas irmãs muito ativas participavam de todas as atividades. Chamei o garoto e disse que se ele não participasse da aula prática, na quadra, teria falta, pois, a aula se desenvolvia na quadra e não na arquibancada. Terminei a aula e ele veio pedir para colocar presença e eu disse que não pois ele não havia feito a aula prática na quadra. Naquele momento o garoto ligou para sua mãe comunicando o ocorrido e, de repente ela chegou na escola, de pijamas, muito alterada exigindo a presença do filho que havia acordado cedo, estava presente, e a mensalidade era cara, entre outros argumentos. Por não termos chegado a um acordo, fomos até a sala dos diretores tentar equacionar a questão. A mãe então começou a debater com os três diretores na presença do garoto, ainda sem chegarem a um acordo. Depois de um tempo pedi a palavra. Indaguei aos diretores que deveriam estar do meu lado, pois identificou-se naquele garoto uma grande dificuldade motora tanto de locomoção, manipulação e estabilização. Invoquei a mãe que também deveria estar do meu lado, pois aquelas atividades seriam muito proveitosas, não apenas para aquele garoto com as dificuldades encontradas, mas também para os demais colegas da turma que também passavam por sérias carências motoras. Depois do debate, os diretores perceberam de modo claro a importância da Educação Física na formação dos alunos, a mãe entendeu meu posicionamento, me pediu desculpas, pediu ao garoto que me pedisse desculpas, percebeu a importância das aulas para o desenvolvimento de seu filho e assim conseguimos fazer com que o garoto participasse das aulas de modo efetivo e assim pudesse ter uma evolução motora aliada a evolução dos outros aspectos humanos. Acordos feitos, depois de finalizada a conversa todos foram embora, eu para minha quadra, os diretores para suas salas e a mãe para sua casa... de pijamas.

SURFANDO COM A TAÇA NA SOPA

Atuava como professor de Educação Física numa escola pública com aulas de Educação Física e com treinamentos de futsal, concomitantemente em outra escola. As escolas estaduais participam de um campeonato esportivo numa fase chamada de preliminar, posteriormente uma fase regional e finalmente uma fase estadual com as melhores equipes do estado. Naquele ano eu organizei uma equipe de garotos com 15 anos que, depois de muitas disputas se sagraram campeões da fase regional. Após o término do último jogo, todos felizes, comemorando a vitória, tive que me despedir da equipe, pois tinha que ministrar aulas na outra escola que também atuava a época. Antes de partir, deixei dinheiro com os garotos para que pudessem comer lanches e tomar refrigerantes. Algumas horas depois recebi a ligação de um antigo amigo de arbitragem, um delegado de polícia que atuava na região. Fiquei surpreso tentando entender o contato e o meu amigo delegado disse que estava com alguns alunos, meus, na delegacia, pois foram pegos em flagrante surfando. Eu questionei-o sugerindo que o surfe é uma prática legal, até porque somos da área esportiva e sabemos disso. O delegado então completou dizendo que o surfe fora feito em cima do teto de um ônibus pelos alunos que haviam acabado de ser campeões de um torneio com a equipe que eu era o treinador. Os meninos reconheceram a bobagem que fizeram e o delegado perguntou-me o que fazer diante do ocorrido. Pedi ao delegado que identificasse os meninos com os nomes e prontamente os reconheci como sendo de minha equipe. Perguntei ao delegado então o que eu poderia fazer por eles, se possível liberá-los. O delegado disse que poderia liberá-los sim, mas que teria que dar uma bronca mais pesada. E continuou dizendo daria uma “sova” neles. Eu prontamente concordei dizendo que assim o fizesse. Entretanto, um pequeno problema de audição que desenvolvi durante minha vida fez com que eu entendesse que o delegado daria a eles uma “sopa” e não uma “sova”. Depois de 3 dias quando retornei à escola e reencontrei a equipe campeã, um dos garotos perguntou: “Professor o senhor conhece o delegado?” Eu disse que sim. O garoto continuou dizendo que havia levado um “telefone” do delegado, ou seja, alguns tapas no ouvido, outro havia levado tapas na cabeça, o outro toalhas, etc., e que estes tapas foram desferidos com o meu aval. Eu retruquei afirmando que havia consentido que o delegado desse a vocês uma “sopa” antes da liberação e não uma “sova”, ou seja, tapas.

MEU FILHO ERA PASSIVO OU ATIVO?

Atuava como professor de Educação Física numa escola particular de alto poder aquisitivo que tinha excelentes condições de espaços e materiais para desenvolvimento das aulas de Educação Física e por isso podíamos planejar e executar uma variedade enorme de propostas. Entre estas propostas estavam atividades no meio líquido, pois, a escola tinha uma piscina semiolímpica, coberta e aquecida favorecendo as aulas nesse local. Minha intervenção docente ocorria na Educação Infantil, ou seja, com crianças de 3 a 6 anos de idade. O protocolo dessas aulas na piscina era da seguinte maneira: antes da aula eu acompanhava os meninos para se trocarem no vestiário masculino e a professora de sala acompanhava as meninas no vestiário feminino. Ao final da aula, eu acompanhava novamente os meninos no vestiário masculino e a professora de sala acompanhava as meninas. Depois que todos os meninos tomassem banho, após a aula na piscina, colocavam a roupa seca e eram acolhidos novamente pela professora de sala retornando à sala de aula. Numa destas aulas na piscina, após as crianças terem terminado de se trocar e deixarem o vestiário, senti falta de dois alunos após deixar os demais com a professora. Imediatamente retornei ao vestiário e escutei um barulho de conversa das crianças num dos locais dentro do banheiro onde ficam as privadas que estava com a porta entreaberta. Isso me permitiu ver que os dois meninos estavam simulando um ato sexual, pelados e apoiados na privada. Eu disse em voz alta se tinha alguém ainda no banheiro e abri a porta fazendo com que eles retomassem as roupas se vestindo sem levantar nenhum tipo de constrangimento a eles e nem tampouco dialogando com eles sobre o que estariam fazendo. Levei-os para a professora, contei a ela o ocorrido e levamos o caso para a direção. Os pais dos meninos foram chamados a fim de que a diretora contasse o caso. Na reunião, após a diretora contar o caso aos pais, um deles me perguntou: “Meu filho estava comendo ou estava dando?” Essa pergunta foi considerada extremamente inadequada naquele momento pois a relevância da conversa seria a possibilidade de os meninos estarem reproduzindo alguma situação que viam em casa, na rua, na TV ou em outro lugar. Respondi ao pai que na situação com a qual encontrei as crianças era apenas uma simulação não permitindo identificar a posição de cada um. Solicitamos aos pais que prestassem mais atenção naquilo que seus filhos viam e conviviam.

JOGADOR CARO NÃO TREINA FÍSICO

Atuava como professor substituto em uma escola pública na Educação Básica, no lugar de uma professora (efetiva) afastada por licença médica. Além das aulas de Educação Física eu havia assumido treinamentos de futsal. Comecei a identificar sentimentos de posse dos professores efetivos de Educação Física em relação a locais e materiais. No primeiro dia do treinamento fiz um planejamento de atividades para conquistar os garotos e fui procurar os materiais. Fui informado pela funcionária da escola que os armários estavam fechados e não poderiam ser acessados, pois os professores haviam levado as chaves para casa. Questionei a funcionária sobre como ministrar o treinamento sem nenhum material e a mesma, respondeu: “O problema é seu! Se vire! Dá seus pulos!” Resolvi ir até uma loja de esportes e comprei, com meu recurso financeiro, três bolas de futsal. Consegui retornar à escola em cima da hora do treinamento, concomitante a chegada dos garotos que vinham com muita “pinta” de craques, “marrentos”, andar de “jogador caro”. Um deles me perguntou se seria eu que “daria o coletivo” no lugar da professora afastada. Respondi que sim. Nesse interim os demais garotos se organizaram, dividiram as equipes e disseram que estava tudo pronto que eu poderia liberar a bola. Eu questionei negando o pedido e eles retrucaram dizendo que a professora sempre nos ofertava a bola e ficava em sua sala. Eu disse que iria dar um treino o que gerou desconforto nos garotos. Alguns contestaram dizendo que eu era novo na escola, estava chegando agora e deveria acatar as regras. Para não perder a liderança e a autoridade, propus um acordo. Perguntei se alguém tinha problemas médicos e todos negaram. O acordo era assim: 10 minutos de exercícios físicos e, depois eu liberaria a bola para o coletivo. Conhecendo um pouco de fisiologia do exercício, dei a eles exercícios anaeróbicos de altíssima intensidade e pouca recuperação com palavras de motivação e incentivo. Resultado: com 7 minutos de exercícios, os garotos começaram a passar mal e, sem utilizar as bolas novas, chamei-os ao centro da quadra dizendo que, se não aguentaram nem 10 minutos de exercícios, iriam participar de campeonatos e iriam ganhar “de quem?” Depois desse dia, “conquistei” os garotos que entenderam a proposta e passaram a participar dos treinos de modo efetivo o que nos fez obter um vice-campeonato. Vale ressaltar que alguns garotos vinham de calça jeans e sapatos, mas ao perceber o novo método passaram vir com vestimenta adequada.

DESCOBRINDO UM PRECINHO

Atuava como técnico de uma modalidade esportiva paralímpica, o parabadminton e, ao final de um evento que os atletas paralímpicos haviam participado, fui levar uma atleta para sua casa. Pegamos o ônibus e notei que estava sentado num dos bancos um garoto com nanismo. Imediatamente me desloquei até um banco próximo de onde ele estava sentado para puxar conversa. Depois de algumas tentativas percebi que o garoto era muito tímido e não dava oportunidade de diálogo. Durante a viagem e minhas tentativas de diálogo, cada vez que o ônibus parava num ponto para desembarcar ou embarcar passageiros o garoto escorregava do seu banco quase caindo no chão. A cada deslize eu prontamente o ajudava a retornar ao seu assento com segurança. Passadas três ou quatro escorregadas acontecidas nos pontos de ônibus com meu auxílio para que se sentasse novamente, perguntei ao garoto onde ele morava. Para minha surpresa e desolação, o garoto disse que morava na primeira parada que o ônibus havia feito e ele teria escorregado propositadamente para descer, mas, como eu o havia recolocado no banco e tinha impedido sua descida, passaram-se mais três pontos. Fiquei muito preocupado com o ocorrido e então resolvi descer do ônibus com a minha atleta e com o garoto a fim de retornar e deixá-lo em sua casa, a pé. Chegando na casa do garoto, fui recebido pelos seus pais e contei o que havia acontecido. Pedi desculpas pelo fato e, após muitas risadas, fui desculpado. Aproveitei e convidei o garoto para conhecer o parabadminton. Ele prontamente aceitou e começou a treinar sem nunca mais se esquecer do tal evento ocorrido no ônibus o que gerava constantes risos. A evolução do garoto foi muito rápida colocando-o na seleção brasileira de parabadminton por um bom período de tempo. Passado um período, infelizmente o garoto não dispunha mais de tempo para treinar em alto rendimento, ou seja, muitas horas por dia. Essa interrupção aconteceu em especial pela necessidade de trabalhar para ajudar a manter os gastos de sua família. O garoto me pediu ajuda para arranjar um emprego e eu o indiquei para uma loja de venda de motos. Nessa loja havia um modelo masculino de 2m05 que seria identificado como o “prazão” e ele seria o “precinho”, ou seja, mostrava-se o modelo grande fazendo alusão a um prazo grande para pagamento e mostrava-se a pessoa com nanismo fazendo alusão a um preço baixo da moto. Até hoje ele ainda atua como garoto propaganda desta loja, mas perdemos um grande atleta.

REMÉDIO CONTROLADO NÃO SE PARA DE TOMAR

Atuava como docente em um curso de graduação em Educação Física e, numa das turmas, tinha um aluno que me chamava à atenção por conta de sua agitação e pelos seus posicionamentos confusos. Fui me informar sobre o tal aluno e descobri que o mesmo fazia tratamento para esquizofrenia. Os aniversários dos professores nesta faculdade eram sempre comemorados com doces e salgados trazidos pelos alunos. O dia do meu aniversário daquele ano foi coincidentemente o dia de aula para aquela turma. Ganhei, como de costume, vários presentes, entre eles bombons, livros, perfumes e camisetas. Surpreendentemente, aquele aluno que fazia tratamento, me presenteou com uma faca, uma grande e enorme faca! No momento da entrega, todos os colegas se surpreenderam esperando algo de pior. Ele me entregou a faca e, após meu agradecimento, retirou-se da sala. Os colegas, de modo irônico e trágico, disseram que aquele presente poderia ser uma mensagem subliminar, ou seja, “sinal que ele vai te matar!”. Fiquei por muito tempo preocupado com o aluno, com seu subconsciente e com o tal presente. Aquela turma tinha aulas no 3º andar do prédio daquela faculdade sendo que as portas das salas davam para um corredor, com uma mureta de proteção. Não bastasse a faca, num outro dia de aula, aquele aluno no meio de uma reflexão começa a gritar repetidas vezes: “Vocês não vão me pegar! Larguem-me seus demônios!” A turma ficou muito assustada e eu fui até ele pedir que se acalmasse e ele gritou: “Eles querem me matar, mas eu não vou deixar!”. Eu sempre ministrava aulas com a porta da sala aberta e ele, depois dos gritos, correu em direção à porta, ao corredor e a mureta de proteção dando a impressão de que iria pular do prédio. De modo instintivo eu consegui impedi-lo, dando um golpe de imobilização, jogando-o ao chão, antes que ele pulasse a mureta. No chão, ficamos numa “luta” corporal e eu sai bem machucado tentando prendê-lo até porque ele tinha uma força muito grande. Da turma em pânico, três colegas entraram no meu combate com o aluno para tentar também o imobilizar e assim conseguiram. Contornada a situação, ligamos para seus familiares que atenderam ao chamado indo até a faculdade dizendo que o mesmo, por conta própria, havia parado de tomar os remédios naquela semana. O coordenador do curso a época, no dia do seu aniversário, recebeu deste mesmo aluno uma foto bem trabalhada, com dedicatória, onde o mesmo estava dentro de um caixão, de terno e gravata, coberto de flores.

PROFESSOR CASAMENTEIRO

Atuava como professor de Educação Física numa escola pública no ensino fundamental II. Numa das turmas de 9º ano tinha um menino que começou a namorar uma garota da turma do 8º ano, após o término das minhas aulas. Deste relacionamento a menina ficou grávida. O pai da menina, evangélico, muito ciumento, ao saber da gravidez da filha foi à escola falar comigo dizendo que ambos eram menores e que teriam de se casar correndo risco de colocar a menina para fora de casa. Eu indaguei ao pai da menina dizendo ser o professor de Educação Física, que não me envolvia em assuntos particulares dos alunos, que não teria culpa na gravidez da filha dele. Ele insistiu dizendo que eu deveria ter dado conselhos e deveria ajudá-lo. Resolvi responder ao pai dizendo que, independentemente da menina estar grávida era filha dele e deveria apoiá-la. O pai chegou até a querer agredir fisicamente o menino que ficou um bom tempo afastado com medo. Passado um tempo procurei o menino que disse querer se casar com a menina e assumir o bebê. Procurei um pastor da região que consentiria o casamento e fui comunicar o pai da menina que, ainda alterado, questionara onde iriam morar. Sugeri que morassem por um tempo na casa dele no momento do nascimento da criança. O pai desta menina tinha uma oficina e o menino se prontificou a aprender o ofício podendo ajudar com despesas. No fim o pai cedeu pontuando que eu era uma pessoa de bem e aceitaria as condições. Propus então com os demais alunos de Educação Física fazermos o enxoval da criança. O menino enfim casou-se com a menina e foi morar na casa dos pais dela. Tudo transcorreu da melhor maneira e veio ao mundo um lindo garoto. O menino e a menina após o nascimento do filho foram à escola me procurar para pedir autorização de colocar meu nome na criança visto que eu teria contribuído muito naquele desdobramento pacífico. Fiquei muito surpreso e honrado, consentindo imediatamente. O pai da menina ainda veio me procurar confirmando que o menino estava muito envolvido no trabalho ajudando a família. Um ano após o nascimento do bebê, a menina continuava na escola terminando o ensino fundamental e o menino havia se transferido para outra escola a fim de cursar o ensino médio. Os avós da criança foram me visitar com o bebê, meu Xará, confirmando o compromisso do menino na oficina e que havia entrado para igreja que eles frequentavam. O desfecho foi muito interessante e até hoje sou lembrado pelo nome da criança seguido de Junior.

RESPONSABILIDADE E REFERÊNCIA DO PROFESSOR

Atuava como professor de Educação Física num projeto social e no início do meu trabalho tive uma reunião de recepção com a direção e com colegas que começaram a expor o funcionamento e as características supostamente inadequadas de alunos. Numa destas exposições, citaram nominalmente um garoto, líder do grupo, dito problemático, que estavam aguardando algum tipo de comportamento extremo para ser desligado. Na minha primeira aula com a turma deste garoto, resolvi não dar muita atenção para suas atitudes. As atividades continuaram durante o primeiro semestre até o momento que teríamos que organizar o evento de final de ano, uma peça teatral. Nesta peça teríamos de escolher um protagonista e uma protagonista. Este garoto prontamente se ofereceu para executar tal papel. Levei o nome dele para a organização do evento que relutou em não o aceitar como protagonista visto que o papel de protagonista deveria ser de alguém com bom comportamento, diferente daquele apresentado pelo garoto. Na minha percepção, se ignorar seus comportamentos não estava dando resultado, acreditei que ele, sendo protagonista, poderia mudar. Após várias reuniões com a organização do evento, aceitaram que ele fosse protagonista. Durante os ensaios o garoto demonstrou muita dedicação, interesse, responsabilidade e competência o que causou espanto de todos os envolvidos. No dia do último ensaio, estávamos reunidos numa sala de dança que tinha espelhos na parede e, durante uma brincadeira com outro colega, ele bateu o cotovelo num dos espelhos, quebrando-o. O garoto pediu a palavra e disse: “Professora e colegas: desculpem! Acho que agora passei dos limites e vou ser desligado. Tenho um dinheiro guardado e vou pagar o espelho.” Ele se levantou e foi até a direção contar o fato e fomos convocados para uma reunião a fim de discutir sobre o garoto. Por tê-lo acompanhado nos meses de ensaio e ter visto o acidente no espelho fui contra seu desligamento. O garoto não foi desligado, em especial por ser o protagonista do evento. A peça de teatro foi um sucesso e ele foi muito elogiado em sua atuação. O mesmo percebeu o que era ter uma chance de se redimir e incorporou-a. Fiquei nesse local por mais alguns meses e depois fui atuar em outro local. Fiquei sabendo que após minha saída, o garoto voltou a ter comportamentos inadequados talvez por não ter mais ninguém dentro daquele espaço em que pudesse se espelhar e pediu para que seus pais o retirassem do projeto antes que pudesse fazer algo impróprio.

COMBINADO ÀS VEZES NÃO SAI CARO

Atuava como docente em um curso de graduação em Educação Física e, as turmas eram muito cheias de alunos com cerca de 150 alunos por turma. O local de aulas era adaptado de uma antiga fábrica e em muitas salas de aula haviam colunas de concreto inviabilizando tanto a visão dos alunos quanto do professor. Diante deste cenário era inevitável que alunos e professores fizessem acordos de bom comportamento, boas maneiras, cordialidade e Educação a fim de que as aulas pudessem ser desenvolvidas com a melhor qualidade possível. Essas condições obrigavam a todos que explicitassem seus comportamentos de modo positivo contribuindo assim com a formação de cada um, pois senão a aula não iria acontecer. Numa dessas turmas com um número elevado de alunos tinha um aluno extremamente indisciplinado com comportamentos prejudiciais ao bom andamento das aulas que a todo o momento tentava chamar a atenção com piadinhas, falas, posturas e comportamentos indesejados por todos. A turma deste aluno tinha aulas numa destas salas de aula com várias colunas de concreto o que favorecia ainda mais seu comportamento debochado e irônico quando fingia se esconder atrás das colunas ou ficar mudando de lugar para ter visão da lousa. Numa aula que eu estava fazendo uma reflexão sobre determinado assunto, o mesmo estava extrapolando suas atitudes num grau quase que insuportável, para mim e para os colegas, que a todo momento solicitavam que ele parasse! Neste dia, resolvi fazer uma proposta pública a ele: “Você não precisa vir mais as aulas desta disciplina, pois vou te aprovar com a nota dez apenas com uma condição: você nunca mais pode aparecer nas aulas desta disciplina!” A turma toda deu aval a proposta aguardando o posicionamento dele. Ele fez uma cara de difícil enquanto a turma estava em polvorosa aguardava sua resposta o incentivando a aceitar. Passado um tempo ele disse “Sim!”, que toparia o acordo. Imediatamente pegou sua mochila e saiu da sala sob aplausos dos colegas. Passados 15 minutos de sua saída, alguém bate na porta da sala e fui abrir. Aquele aluno e o segurança da faculdade ali estavam e, o segurança me perguntou se aquele aluno era daquela turma. Respondi que sim e o segurança disse que ele estava tendo comportamentos inadequados nos corredores e pátios da Instituição e que não poderia ficar fora da sala de aula no horário de aula. Decepcionado, recebi-o de volta à sala, acordo desfeito e vaias dos colegas. No final do semestre o aluno foi reprovado.

NÃO VAI SOBRAR PEDRA SOBRE O PEDREIRO

Atuava como docente em um curso de graduação em Educação Física numa faculdade e, muitas vezes, quando algum colega tinha que se ausentar, ou seja, não poderia ministrar sua aula, a coordenação promovia trocas de dias e horários das aulas entre os professores a fim de que os alunos nunca ficassem sem aula. Neste cenário éramos constantemente desafiados a ministrar aulas de algumas disciplinas e conteúdos que não faziam parte de nossos estudos, publicações ou intervenções profissionais. Entretanto, a solidariedade pairava naquela Instituição e todos se ajudavam em qualquer tipo de situação. Numa destas ocorrências, tive que assumir a aula de natação de uma colega que não estaria no dia de sua aula. Como protocolo da aula, o professor chegava ao local para organizar o espaço enquanto os alunos se trocavam nos vestiários para posteriormente irem para a piscina. Ainda que eu já tivesse ministrado aulas para esta turma, nunca tinha visto os alunos em trajes de natação e, ao chegarem próximos à beira da piscina reparei que um dos alunos tinha sua musculatura extremamente definida e razoavelmente hipertrofiada o que, na minha percepção, serviria como um excelente modelo para aulas de anatomia. Todavia, reparei que esse aluno, ao entrar na piscina tinha poucas habilidades na água parecendo uma âncora que, inevitavelmente, afundava a todo o momento. Depois de muitos exercícios e atividades aquáticas, antes de liberar a turma para fazerem a higiene pessoal no vestiário, abri uma conversa com o grupo para que pudessem tirar dúvidas, fazerem críticas e oferecerem sugestões. Após algumas perguntas e questionamentos, invoquei o referido aluno perguntando-lhe se era atleta, se fazia musculação, treinamento com sobrepeso ou algo semelhante. Ele respondeu que sim, que treinava 8 horas por dia, de segunda a sábado, levantando pesos de 50 kg em média, fazia agachamentos, exercícios em degraus com subidas e descidas, geralmente com sobrecarga e equilíbrio além de alguns exercícios que eram estabelecidos no momento da sua atividade, sem prévia organização. O aluno ainda acrescentou que sua alimentação era constituída, diariamente, de uma grande quantidade de carboidratos e proteínas ressaltando que tomava muito água durante todo dia. Os colegas ficaram muito admirados e um deles questionou onde era a academia que ele treinava e quais os valores pagos. O aluno respondeu, ironicamente, que não pagava nada e sim recebia para fazer aquilo, visto que sua profissão era de pedreiro.

QUEM VÊ COR NÃO VÊ CORAÇÃO

Atuava como docente em um curso de graduação em Educação Física e, em paralelo, organizava eventos recreacionais com nossos alunos. Estava organizando a agenda para um acampamento com crianças num sítio e, a primeira atividade, seria um “Caça ao Tesouro” para reconhecimento do local e seus espaços. Colocaríamos pistas com enigmas nos principais locais do acampamento, reconhecendo-os pelos seus respectivos nomes facilitando o deslocamento das crianças no período de permanência. As equipes foram divididas por cores, e a atividade era iniciada num mesmo local onde receberiam o primeiro enigma que deveria ser decifrado levando-os ao seu primeiro local. Neste local achariam o próximo enigma disponível, num papel da mesma cor da equipe e assim sucessivamente com as 10 pistas, nos 10 locais. Cada equipe teria uma ordem diferente das pistas e locais. Essa atividade em média tinha duração de 40 minutos levando-se em conta os deslocamentos e os enigmas que teriam de ser decifrados. Antes de iniciar a atividade, eu distribuí para os monitores os enigmas coloridos a fim de que pudessem os colocar nos diferentes locais a serem desvendados pelas equipes. Enquanto as equipes estavam reunidas no mesmo local para receberem as minhas explicações do funcionamento da atividade, alguns monitores ainda estavam distribuindo os enigmas coloridos nos diferentes locais. Terminada a explicação, todos os monitores retornaram ao local onde eu estava explicando a atividade, entregamos o primeiro enigma para cada equipe e iniciamos a atividade com todos indo para seu respectivo primeiro local. Decorridos perto de 10 minutos do início da atividade, três equipes retornaram ao local de início, com o tesouro em mãos portando apenas 3 ou 4 enigmas. Fiquei espantado e percebi que algo de errado havia acontecido. Tentamos contornar a situação com as equipes e, posteriormente o grupo de monitores se reuniu comigo para entender onde acontecera a falha. Descobrimos que um dos monitores tinha colado pistas das mesmas cores no mesmo local em vários locais o que gerou a aceleração da atividade e da chegada ao tesouro. Indagado sobre o que havia feito ele disse: “Professor estava com vergonha de te falar, mas sou daltônico! Quando você me deu as pistas coloridas a confusão estava armada! Sai colando qualquer enigma sem saber da cor. Desculpe!” Todos riram muito e ele, em especial, sempre era orientado quando tínhamos cores de algum material envolvido.

RAPIDINHAS

PAREDE NO LUGAR ERRADO

Atuava como docente em um curso de graduação em Educação Física e numa das primeiras aulas do semestre organizei algumas brincadeiras para os alunos que iniciavam o curso. As aulas eram desenvolvidas numa quadra não muito grande que tinha paredes ao redor. Numa das brincadeiras de pegador que eu desenvolvi, limitei as linhas da quadra de voleibol para que não pudessem mais ser pegos. Um dos alunos participantes dessa brincadeira estava tão envolvido que não conseguiu frear sua corrida após a linha da quadra de voleibol e foi parar na parede. Sua proteção foi feita com os membros superiores o que ocasionou fratura exposta nos dois braços. Rapidamente chamamos o resgate e o aluno foi atendido.

O EDITAL

Atuava como professor de Educação Física numa escola pública e estava ministrando aula para um 5º ano e ao final da aula um aluno me abordou dizendo: “Professor eu gosto muito de você”. Eu respondi: “Muito obrigado, fico muito feliz!”. O aluno continuou: “Professor minha mãe está separada”. Eu disse: “Poxa é mesmo... que infelicidade”. E o aluno prosseguiu: “O senhor podia casar com a minha mãe, né professor?” Eu respondi: “Eu não posso, sou concursado”. O aluno questionou: “O que isso tem a ver?” Eu finalizei: “Eu só cumpro o que está em edital.”

VÃO-SE OS ANÉIS E FICAM OS DEDOS

Atuava como professor de Educação Física em uma escola pública e a aula ocorria numa quadra fechada por um portão com 3 metros de altura e pontas de ferro. Nas aulas de Educação Física eu ia até a sala de aula buscar os alunos e juntos íamos para a quadra pelos corredores da escola, até o portão que era aberto por mim. Numa destas aulas, dois alunos se desvencilharam do grupo e foram correndo para o portão da quadra. Eu continuei com os demais alunos e de repente um dos dois alunos voltou assustado dizendo que o colega estava pendurado no portão pelo anel. Fui rapidamente até o portão e percebi que o garoto havia tentado pular e sua aliança enroscou numa das pontas de ferro da parte de cima do portão quase arrancando seu dedo que estava parcialmente cortado e a aliança pendurada no ferro ainda o segurava. Chamamos o resgate que o atendeu levando-o para o hospital recuperando seu dedo.

A CHUTEIRA

Atuava como treinador de um time de futebol de uma empresa e íamos disputar a

final de um campeonato na nossa casa. Um jogador da equipe adversária me procura e diz: “Você é o técnico?” Prontamente respondi que sim. Ele segue a conversa: “O senhor não tem nenhuma chuteira para me emprestar?” Eu retruquei: “Quem é você?” Ele respondeu: “Sou o atacante do time que vai jogar contra seu time”. Eu questionei: “Deixa eu ver se entendi... Você vai enfrentar meu time, é atacante, está sem chuteira e quer que eu empreste uma chuteira para você? E se você fizer gols contra meu time com a chuteira que eu emprestei? Terei dado ouro para o bandido! Por favor dirija-se a sala de locação de materiais da nossa empresa e alugue uma. Faça um bom jogo!”

ILUMINANDO CAMINHOS PARA O ESPORTE

Atuava como professor de Educação Física num projeto social e tínhamos uma aluna cujo pai tinha deficiência física e a mãe cuidava dos outros filhos. Este cenário permitia que a família, morando num local extremamente perigoso, recebesse algum tipo de ajuda do projeto para se manter. Iniciei as atividades de Ginástica Artística e esta aluna rapidamente demonstrou interesse e grande evolução. Contatei colegas que atuavam num local onde a Ginástica Artística era desenvolvida com fins de treinamento para levar minha aluna. A diretora e a professora adoraram minha aluna que rapidamente passou a fazer parte da equipe de competição. Diante de tanta competência demonstrada na Ginástica Artística, essa aluna recebeu um convite para fazer um intercâmbio num clube de alto rendimento nos Estados Unidos da América para se aprimorar. Fiquei muito feliz com muito orgulho de ter iluminado o caminho desta menina.

PESO GELADO

Atuava como instrutor de musculação numa academia de musculação e numa noite de muito frio naquela academia gelada uma aluna me indaga: “Nossa hoje eu não estou suportando este frio! Olha este halter aqui... está muito gelado!” Eu a respondi: “Senhorita este halter é de ferro e por isso está sujeito a mudança de temperatura no ambiente”. Ela retrucou: “E o que eu posso fazer?” Eu não consigo treinar com halter gelado.” Eu sugeri: “Por favor, vá até o nosso setor de refeitório onde há um micro-ondas e esquente o halter... 30 segundinhos”.

SALÁRIO NÃO SE CONTA!

Atuava como docente em um curso de graduação em Educação Física numa Universidade particular e o holerite, o contracheque, impresso, lacrado, era entregue mensalmente por uma funcionária que ficava dentro da sala dos professores. Toda vez que nós, professores de Educação Física pegávamos esse documento, e havia professores de outros cursos no local, iniciávamos uma resenha ... um dizia: “Caramba! 8 mil reais

de desconto! Assim fica difícil!” o outro continuava: “Também você paga 6 mil reais de condomínio!” mais um completava: “Eu avisei que as parcelas de 5 mil reais do carro seriam difíceis de serem pagas!” O intervalo ficava cômico para nós e enigmático para os colegas dos outros cursos. Muitas vezes esses colegas de outros cursos iam perguntar para a funcionária quanto nós ganhávamos e ela, fiel, nunca disse, ainda que soubesse da resenha e dos valores.

FOGO AMIGO

Atuava como técnico esportivo e ao chegar para uma competição me deparei com a mala do nosso massagista que estava muito velha e rasgada. Rapidamente promovi uma vaquinha com os atletas e demais membros da comissão para comprar uma mala nova para nosso massagista. Coloquei as roupas e o material do massagista na nova mala, comprei álcool e fósforos e pedi para avisá-lo que queimaria sua mala no pátio do alojamento com tudo dentro. Ao chegar ao pátio o massagista só viu sua mala queimando em brasas e tentou apagar sendo contido pelos atletas. O massagista ficou furioso, brigou comigo, desfez nossa amizade e tentou me bater. Nesse momento apresentei a ele a nova mala com todos os seus pertences e imediatamente seu semblante mudou proferindo palavras de carinho e juras de amizade eterna!

A QUADRILHA!

Atuava como professor de Educação Física numa escola pública e naquele dia seria comemorada a Festa Junina, caracteristicamente causando grandes movimentações no local. Uma figura fantasiada de palhaço me procura e eu o abordei dizendo: “Você não me venha com palhaçadas hein!!!” Ele me disse: “Eu sou o palhaço da festa junina”. E prosseguiu: “A quadrilha já está pronta?” Eu respondi: “Rapaz você está no Brasil... quadrilha tem de monte, mas a que vai dançar hoje ainda não se apresentou. ”

TRAÍÇÃO NA FORMATURA

Atuava como docente em um curso de graduação em Educação Física e estávamos prestes a formar a primeira turma. Por se tratar da primeira turma, a Instituição através de seus professores e funcionários criou um vínculo muito próximo com estes alunos. Desta aproximação eu recebi o convite de um aluno para ser sua madrinha de formatura. No dia da festa de formatura, na famosa valsa dos formandos com os padrinhos e madrinhas, eu estava dançando com meu “afilhado” quando de repente ele fixou seu olhar no telão da festa que mostrava sua esposa aos beijos com outro rapaz. Ele ficou muito nervoso e irritado e eu tentei acalmá-lo. O constrangimento foi grande, mas o baile seguiu.

HOMEM ARANHA

Atuava como professor de Educação Física numa escola pública e concentrei os 40 alunos do 5º ano do ensino fundamental ao centro da quadra para explicar o jogo quando senti falta de um aluno acompanhada de um burburinho dos colegas. Ao identificar o som que vinha do outro lado da quadra visualizei o aluno escalando a grade da quadra gritando em alto e bom tom: “Sou o Spider Man!!!”. Assustado com o ocorrido, corri até ele para tentar ajudá-lo quando o mesmo se aventurou numa manobra arriscada, caindo e batendo a cabeça no chão criando um pequeno “galo” na testa. Eu o repreendi: “Você está maluco??? Como é que você escala a grade da quadra?” Ele replicou: “Eu sou o Spider Man!” E eu finalizei: “E eu sou o Super Homem para aguentar você e toda sua turma!”

CANO PRA QUE TE QUERO

Atuava como treinador de uma equipe de futsal feminina, categoria 16 anos, de um grande clube e fomos fazer um jogo decisivo na casa da equipe adversária com uma grande torcida contrária. Tinha uma jogadora que era habilidosa, mas não o suficiente para ser titular, ainda que sempre pleiteasse esta posição. Neste jogo coloquei-a de titular e durante a partida a torcida adversária em gritos constantes, começou a passar, no alambrado, próximo ao nosso banco de reservas, um cano de ferro utilizado para levar água às dependências da quadra. Essa jogadora ficou muito amedrontada e travada, praticamente não tocando mais na bola, pois seu olhar ficava apenas voltado para o cano tocando o alambrado. Pedi um tempo técnico e dei uma bronca nela dizendo que o cano, ainda que de ferro, era utilizado para levar água. Ao final do jogo ela disse ter jogado muito bem e feito à diferença.

SIGLAS QUE SE CONFUNDEM

Atuava como professor de Educação Física numa escola pública e, certa vez, tiveram ataques de uma facção criminosa em grandes cidades e todos viviam momentos de muito pânico. Uma menina do 5º ano do ensino Fundamental, terminado o período de aulas daquele dia, antes de ir embora para casa me questionou: “Professor O PCC é ruim?” E eu respondi: “Eu sinceramente não posso dizer se o PCC é ruim, pois não conheço muito bem... mas confesso que os PCNs me dão um trabalho...”

O MITO DA CAMISA 10

Atuava como treinador de uma equipe de futsal masculina, categoria 14 anos, de um grande clube e fomos fazer um jogo decisivo numa quadra neutra. Esse grupo em especial era muito “mala”, pois achavam ser os melhores da face da Terra. Na linguagem do futebol tinham uma “perna” que não cabia no calção. Entretanto eram realmente todos

muito “pipoqueiros”, medrosos. Após os garotos se trocarem no vestiário, entrei para a preleção e vi que a camisa 10 da equipe estava em cima da mesa. Perguntei ao meu auxiliar o que significava aquela camisa 10 na mesa e ele disse que ninguém quis colocar a mesma. Eu pensei “alto”: Perdemos! Não deu outra. Fomos massacrados. Perdemos feio. No final do jogo, no vestiário, eu disse que nós havíamos perdido porque eles foram “cagões”! Ninguém quis a 10! Em qualquer time do mundo todo jogador quer a 10! Mas vocês se acovardaram.

REUNIÃO PEDAGÓGICA COM A (INDI)GESTÃO

Atuava como professor de Educação Física numa escola pública e numa reunião pedagógica com a equipe gestora que exigiu que os professores falassem sobre folclore nas aulas. Questionei a gestão sugerindo que os professores de Arte deveriam conduzir esta temática. A gestão negou meu pedido e disse que todos os professores deveriam falar de folclore. Dei então minha opinião sobre o impasse: Saci Pererê é negro e deficiente físico o que faz dele alvo de preconceitos. Soma-se ainda o fato de ser adolescente e fumante o que prejudica o funcionamento de seus pulmões. No caso da Mula sem cabeça, ela não tem mais interesse em procurar sua cabeça e sim sua Boca (fazendo uma analogia as mulas do tráfico que carregam drogas e a Boca o local onde se comercializa drogas).

FÉRIAS SÃO FÉRIAS

Atuava como treinador de uma equipe de futsal masculina, categoria 06 anos, de um grande clube e o pai de um garoto que jogava futebol e amava esta atividade coagiu seu filho a jogar, ainda que ele não gostasse. No mês de julho, férias escolares, tínhamos treinos em horários especiais e antes do início do mês eu distribuí um documento para cada criança com a agenda dos horários de treinos no mês de férias. Esse garoto aos berros questionou: “Treino de férias? Eu quero férias!!!” Rasgou o documento e saiu da quadra gritando: “Eu não quero treino de férias! Eu não quero treino de férias!” Esse mesmo garoto, na época de uma das eleições presidenciais do Brasil me disse: “Um dia eu vou ser presidente e vou mandar te prender!” Eu questionei o porquê daquilo e ele disse: “Você não deixa as crianças fazerem o que querem!”

PIRIRI DO PERERÊ

Atuava como professor de Educação Física numa escola pública e numa das aulas resolvi pedir aos alunos que imitassem o Saci Pererê, ou seja, se deslocar apenas com um dos membros inferiores. Ressaltei que as pessoas negras têm mais fibras musculares brancas, as de força, do que as pessoas brancas. Sugerir que após se deslocarem usando apenas um dos membros inferiores deveriam trocar de membro para continuar

o deslocamento. Uma aluna se sentindo muito cansada questionou-me sobre o possível cansaço do Saci se seria igual ao dela. Respondi-a dizendo que não saberia sobre o Saci, mas que ela estaria tendo naquele momento um Piriri do Pererê!

CARRO NA MATRÍCULA

Atuava como docente em um curso de graduação em Educação Física numa Universidade que ocupava um quarteirão inteiro e tinha 4 entradas/saídas em 4 ruas diferentes. Antes de começar uma aula fui chamado pelo coordenador em sua sala. Chegando lá vi uma senhora e um garoto. O coordenador me perguntou: “Você conhece esse aluno?”. Respondi que não. E ele disse a senhora: “Tá vendo? Ninguém conhece ele!” Voltei para a aula e terminado o período o coordenador me disse que a mãe daquele garoto havia dado um carro para ele fazer faculdade. Que ele havia feito a matrícula, pagava as mensalidades, mas nunca havia assistido nenhuma aula, nenhum professor o conhecia. A mãe o levava de carro para faculdade, mas, ele entrava por uma das ruas e, assim que a mãe o via entrando, ia embora e ele saía pela outra rua e nunca assistia nenhuma aula. O aluno desistiu do curso e a mãe pegou o carro de volta.

SÓ CAMISA DE LINHA

Atuava como auxiliar técnico de uma equipe de futsal feminina, categoria juvenil, de um grande clube e fomos fazer um jogo decisivo na quadra da equipe adversária. Fizemos alguns treinamentos durante a semana visando este jogo e estávamos prevendo utilizar na partida o goleiro linha. O técnico então me pediu para solicitar ao roupeiro que levasse duas camisas de linha, diferentes daquelas que jogaríamos, a fim de efetivarmos a utilização do goleiro linha. Ao entrar no vestiário para troca de roupas, vimos que no material organizado pelo roupeiro havia apenas duas camisas, ou seja, o roupeiro entendeu que era para levar apenas as duas camisas de linha e nada mais, sem calções ou meiões. Felizmente naquele dia a equipe masculina infantil havia feito o jogo preliminar e as meninas, com muita raiva, puderam utilizar as camisas, os calções e os meiões utilizados pelos meninos, sujos e suados.

COMUNIDADE ATIVA

Atuava como professor de Educação Física numa escola pública e usávamos a quadra da comunidade fora da escola. Desenvolvendo o conteúdo de basquetebol, resolvi fazer um evento desta modalidade esportiva, num sábado, na quadra desta comunidade sem recursos específicos do basquetebol. Depois de muitas adaptações de demarcações, tabelas e cestas, todos saíram felizes devidamente medalhados (eu havia levado medalhas). Na segunda-feira ao chegar à escola, um senhor me abordou na porta dizendo que eu não

poderia dar aula. Fiquei assustado e o questionei sobre tal impedimento. Aquele homem respondeu-me dizendo que viu todo empenho e dedicação apresentada no evento do sábado. Ele se sensibilizou junto com outros moradores da comunidade, pesquisaram na internet como seriam as linhas da quadra de basquete e assim resolveram pintar a quadra adquirindo também tabelas e cestas. A quadra ficou linda!

XIXI EM FAMÍLIA

Atuava como técnico de uma equipe de futsal feminina, categoria juvenil. Faríamos naquele dia o primeiro jogo do campeonato, inclusive seria também o meu primeiro jogo dirigindo aquela equipe. Disponibilizei o vestiário para as meninas se trocarem e pedi para a capitã me avisar quando terminassem para eu fazer a preleção. A capitã me avisou do término da colocação do uniforme e eu entrei no vestiário. Iniciei a conversa habitual de motivação para o importante jogo de estreia e uma jogadora se levanta e vai em direção a privada. Eu a questionei o que iria fazer e ela respondeu: “Xixi”. Imediatamente me levantei para sair do vestiário e deixar a atleta a vontade quando percebi que era tarde demais, pois a mesma já estava urinando e disse: “Pode ficar professor, aqui é tudo família!”

PROFESSOR BOM, FAZ TUDO! OU NÃO

Era momento de escolher a escola pública que iria atuar naquele ano. Depois da escolha, colegas me disseram que eu tomaria o lugar de um excelente professor que lá atuava. Mesmo assim mantive minha escolha. Nos primeiros dias de aula, pessoas da escola ratificaram aquela informação. Comecei a me interessar pelo colega que eu nem conhecia a fim de saber como ele desenvolvia as aulas. Conversando com os alunos nas primeiras aulas descobri que o professor apenas distribuía materiais e os alunos jogavam futsal ou “baleo” (queimada ou matança). Conversando com funcionárias me disseram que aquele professor era polivalente e atuava como carpinteiro, eletricista, encanador, porteiro, vigia, motorista entre outras funções incorporadas por ele. Talvez ele tenha se esquecido da principal função que o mesmo foi contratado, ou seja, a de ministrar boas aulas de Educação Física e educar seus alunos.

FUT NAS NUVENS

Atuava como professor de Educação Física numa escola pública e o referencial das aulas naquele local era a prática de futebol, em especial pelos meninos. Sempre tentei reverter esse quadro mostrando que as aulas de Educação Física vão muito além de simples jogos, de futebol. Os alunos a cada dia, antes da minha aula, tentavam me convencer que eu deveria simplesmente oferecer a bola para que eles jogassem. Num destes dias de aula, fui ao almoxarifado organizar o material e, seguido por um aluno

assustado que percebeu que não havia bola de futsal incluída, com um suposto poder de convencimento me disse: “Professor preciso te contar uma coisa!” Preocupado, pedi a ele que me contasse. O aluno: “Hoje de manhã pensei muito no senhor. Acordei, levantei da cama, abri a janela do meu quarto, vi as nuvens do céu e elas formaram uma palavra: FUT! Deixe a gente jogar futebol professor!”

DESCOBERTA NA SOMBRA

Atuava como professor de Educação Física numa escola pública de tempo integral que, contrariando as quadras de outras escolas, o sol batia nas arquibancadas e a sombra se expunha no meio da quadra. Numa das turmas que eu ministrava aulas havia uma menina que não participava de nenhuma atividade. Como eu nunca obrigava os alunos a fazer as práticas, pois sempre conseguia a atuação deles por convencimento, numa das aulas eu a convidei para ficar no meio da quadra, na sombra. O jogo estava bem agitado e animado e ela não aguentou a imobilidade. Começou de modo lento a fazer pequenas participações e movimentações com sua equipe. Aquele dia foi um grande estopim que desencadeou o descobrimento de uma aluna extremamente hábil e participativa, tornando-a inevitavelmente líder da turma e sempre solicitada para participar das equipes de competição.

MINHAS CRIANÇAS E SEUS PÉS NO CHÃO

Atuava como professor de Educação Física numa escola pública e, no início da minha carreira prezava pela utilização correta de vestimentas nas aulas mesmo sem ter poder punitivo ou de exclusão com aqueles que não estavam devidamente vestidos. Eu sempre exigia que os alunos participassem da aula com algum tipo de calçado, pois acreditava que o risco de acidente seria menor. Percebi aos poucos que uma turma fazia questão de jogar sem calçado e assim comecei a oferecer atividades para serem feitas descalços. Numa dessas aulas uma aluna disse: “Professor eu estou descalça e o senhor não falou nada.” Eu a respondi: “Isso mesmo, hoje pode.” A aluna foi em direção aos colegas e gritou: “O professor deixou fazer aula descalço hoje!” Imediatamente os colegas tiraram seus calçados e voltaram às atividades. Percebi a felicidade nas crianças e isso me fez rever a obrigatoriedade de calçados.

EVOLUÇÃO E MUDANÇA EXPRESSA

Atuava como professor de Educação Física numa escola pública e as aulas de Educação Física eram no período da tarde. Havia dois alunos que tinham elevados índices de reprovação e que, inevitavelmente ficavam todas as tardes para acompanhar as aulas de Educação Física. Ainda que não fossem suas turmas, infelizmente os meninos se

comportavam de modo inadequado, jogando pedras e areia na quadra, provocando os colegas e tumultuando o ambiente. Numa destas tardes eles se dirigiram a mim e pediram para fazer aula junto com os colegas das outras turmas. Eu prontamente consenti e ambos passaram a participar de modo ativo, não apenas nas aulas, pois eram muito habilidosos motoramente falando, mas também nas questões organizacionais e disciplinares da aula. Uma mudança de comportamento que gerou futuras aprovações para séries posteriores com a qual tinham muita dificuldade.

BOLA NA TRAVE BOLA NO NARIZ

Atuava como professor de Educação Física numa escola pública e aula seria num campo de futebol. Um menino tímido e pouco participativo, estava sendo convencido a se envolver nas atividades e naquele dia me pediu para ser goleiro. Fiquei apreensivo porque usava óculos com lentes largas devido a um grave problema de visão. Mesmo assim consenti sua atuação como goleiro ainda que pressentisse possível acidente. Durante o jogo sob minha alta atenção e tensão, um menino da outra equipe executou um chute de fora da área e a bola caprichosamente bateu em uma das traves laterais do gol retornando na direção da cabeça do goleiro que direcionou o olhar para a bola atingindo seu rosto e seus óculos. Os óculos entortaram e o rosto de menino ficou com um grande hematoma. Fizemos um breve atendimento e, para minha surpresa ele pediu para que continuasse jogando. Aceitei e tive que triplicar a atenção.

QUEM NÃO DANÇA SEGURA A CRIANÇA

Atuava como professor de Educação Física numa escola pública onde historicamente a dança desenvolvida pelo professor de Educação Física servia apenas para as apresentações em festas juninas. Pretendendo mudar este cenário, lancei a ideia de um festival de dança. Tradicionalmente o campeonato inter classes ocorria com modalidades esportivas, mas desta vez as turmas iriam se dividir em grupos e teriam uma dança, daquelas trabalhadas nas aulas, para desenvolverem as coreografias além de estudos históricos. Cada turma elegeria um grupo dentro da própria classe para a disputa com as outras turmas. O envolvimento foi tão grande dos alunos que a diretora teve de disponibilizar alguns dias sem aulas de outras disciplinas para que todos pudessem prestigiar e assistir as maravilhosas apresentações.

BOLA NA CAÇAMBA

Atuava como professor de Educação Física numa escola pública que tinha um campo de futebol onde seria desenvolvida a aula daquele dia. Os jogos transcorriam de modo tranquilo quando um garoto fez um chute bem forte e a bola bateu no travessão de

um dos gols passando por cima de um muro que cercava o campo. Coincidentemente próximo ao muro, do lado de fora da escola, havia um caminhão que estava recolhendo lixo e a bola caprichosamente caiu dentro da caçamba do caminhão. O portão de acesso ao campo era muito longe daquele local, mas mesmo assim tentamos correr para apanhar a bola, sem sucesso. O caminhão partiu daquele local, sem perceber que a bola ali estava e nunca mais a recuperamos.

QUEIMADA “EM NOME DE JESUS”

Atuava como professor de Educação Física numa escola pública onde a cultura que imperava nas aulas era de futsal para meninos e exclusão para meninas. Tentando reverter esse quadro para colocar algumas práticas diferenciadas, fiz negociações onde faríamos um jogo de queimada com participação de meninos e meninas e, posteriormente, o futsal. O jogo de queimada transcorreu de modo tranquilo até que no final havia numa equipe alguns meninos e na outra equipe apenas uma menina, extremamente habilidosa, motoramente falando. Este cenário, que durou um bom tempo, começou a incomodar os meninos habilidosos, pois a menina conseguia se esquivar de modo muito hábil dos lançamentos do menino. Num dos momentos de lançamento de bola dos meninos, um deles gritou junto com o seu lançamento: “QUEIMA JESUS”! Coincidentemente aquele lançamento originou a queimada da menina e término do jogo.

UM TRIO COM MAIS DE TRÊS

Atuava como docente em um curso de graduação em Educação Física e numa das turmas havia um grupo de três alunos inseparáveis, uma garota e dois garotos. Numa das aulas a garota me pediu para ir embora bastante assustada. Ao final das aulas, na saída dos alunos, a garota estava na porta da faculdade ao lado do seu noivo que, portando uma arma, ameaçava matar os dois garotos que formavam o trio com ela, por suposta traição. A polícia acionada, os ânimos acalmaram e descobriu-se que a traição não fora com os dois garotos do trio, mas sim com um outro personagem. Depois de um tempo, o noivo da minha aluna invade a faculdade, desta vez sem arma, vai até a sala de aula para tirar satisfações com os dois garotos do trio e cria um grande tumulto no local. Descobriu-se que a sua noiva além do caso com o outro personagem também teve casos com os garotos do trio. Sabe-se que os dois se casaram.

CARRINHO DE BASQUETE

Atuava como professor de Educação Física numa escola pública cujo equipamento de basquete era um carrinho com brita que sustentava o poste, a tabela e o aro. Em princípio era seguro desde que ninguém se pendurasse. Numa das aulas, durante a organização do

material num dos lados da quadra, três garotos fizeram uma manobra entre si para que um subisse nas costas do outro e o terceiro pudesse tocar o aro. Ainda que eu estivesse atento, não deu tempo de evitar o acidente, pois quando o terceiro garoto se pendurou no aro, o carrinho tombou na direção deles e, como num capricho extraterreno, não atingiu nenhum deles. O barulho foi grande fazendo com que muitas pessoas na escola fossem a quadra ver o ocorrido. Conversei com os garotos sobre o possível acidente que não acontecera e os mesmos ficaram muito assustados percebendo o perigo que acabaram de experimentar.

O CUIDADO COM A ÁGUA

Atuava como técnico de uma modalidade esportiva e fomos participar de uma competição onde, concomitantemente, estavam acontecendo os Jogos dos Povos Indígenas. Para economia, ambas as organizações dos eventos contrataram a mesma empresa para oferecer a alimentação aos participantes. Essa empresa não utilizou água mineral para fazer os alimentos, mas sim a água dos reservatórios do local. Depois da primeira refeição todos os participantes tiveram diarreia! Curiosamente muitos indígenas procuravam nas pequenas plantações do local algum tipo de erva para cura.

Resultado: diarreia geral em todos. Os índios impossibilitados de jogar ficaram procurando ervas no gramado para comer. Os atletas do outro evento se concentraram num vestiário cercados por pilhas de jornal. Muitos participantes tiveram que ser atendidos na UBS daquela cidade que ficou superlotada.

AULA CERTA: LUGAR ERRADO

Atuava como professor de Educação Física numa escola pública e iria iniciar as atividades numa nova escola cuja a localização, o bairro, tinha um nome muito parecido com um outro bairro próximo. Cheguei na escola no primeiro dia de aula, me apresentei à diretora e iniciamos as aulas. Estávamos muito felizes pois, em princípio, parecia estar tudo dando certo. Duas semanas após iniciadas as atividades, a secretaria de Educação me liga e pergunta porque eu ainda não havia me apresentado a escola. Eu disse que não só havia me apresentado como também já estava dando aulas há duas semanas. A secretaria pediu para falar com a diretora que, depois dessa conversa, me procurou e disse, com muita tristeza, que eu estava na escola errada pois a escola que eu deveria ter me apresentado era num outro bairro, mas com nome parecido. Foi uma passagem bem rápida pela escola.

JORNADA NAS ESTRELAS INVERTIDA

Atuava como técnico de alto rendimento em uma equipe feminina de voleibol e, num dos treinamentos de recepção percebi que as atletas não estavam levando muito a sério a atividade. Algumas vezes neste tipo de treinamento eu fazia o saque por baixo numa

altura considerável para que a recepção pudesse ser melhorada. Como naquele dia as coisas não estavam acontecendo como eu queria, resolvi dar esse saque por baixo mais forte do que estava acostumado e, nesse saque mais forte, a bola bateu no teto do ginásio e voltou com muita velocidade batendo no chão da quadra, bem a minha frente, quase me acertando. As atletas começaram a formar grupinhos para rir do fato e eu sugeri uma pequena pausa para hidratação, mas que na verdade foi para eu sair do ambiente e cair na gargalhada também pelo susto.

MORTE FORA DO CURRÍCULO

Atuava como técnico de uma modalidade esportiva e fiz um chamamento para atletas iniciantes participarem de uma competição. A seleção destes atletas foi feita por mim através de mensuração da Frequência Cardíaca em repouso e em atividade (aumentado a intensidade gradativamente) relacionada ao peso e a idade. Ao final registrei todos os dados para identificar o tempo de recuperação. Curiosamente, um dos atletas de 23 anos continuou com a frequência cardíaca elevada por mais de 30 minutos, mesmo após parar as atividades. Esse atleta foi reprovado por mim e eu sugeri, a ele e ao seu treinador, que procurassem um médico urgente para identificar algum possível problema. Ambos se negaram. Infelizmente fiquei sabendo que o atleta havia falecido uma semana depois, de infarto no miocárdio, dormindo. A morte desse atleta nunca fará parte do meu currículo.

NESTA CASA TEM GOTEIRA: PINGA NA PROVA

Atuava como docente em um curso de graduação em Educação Física e estava aplicando uma avaliação escrita, individual, sem consulta. Depois de iniciada a avaliação, um aluno aparece na porta com sinais explícitos de embriaguez e pede para fazer a prova. Me aproximei do mesmo para conversar e senti um alto odor de bebidas alcoólicas. Disse a ele que não teria condições de fazer a prova, que fizesse outro dia. O aluno se exaltou e começou a me xingar com palavras de baixo calão ameaçando me agredir fisicamente fazendo com que os colegas de sala se levantassem para evitar uma possível briga. Pedi para que ele não se comportasse como um marginal e que se retirasse da sala, pois além de estar me incomodando, estava incomodando os colegas. O aluno se retirou e, ao final da prova a direção me chamou para saber do ocorrido e fui advertido por ter chamado o aluno de marginal.

EXAME MÉDICO: EXAME DE VIDA

Atuava como gestor em um curso de graduação em Educação Física que tinha como foco de ensino a formação de futuros profissionais a partir das vivências e experiências práticas da área. Diante deste quadro, exigi da reitoria que todos os alunos do curso, cerca

de 1700, fizessem exame médico antes de iniciar as aulas práticas. A reitoria retrucou meu pedido sugerindo que alunos do curso de Educação Física eram atletas e que aquilo era um exagero, além de custos desnecessários. Depois de muitas discussões, aceitaram submeter os alunos aos exames médicos. Nesses exames, sete alunos foram apontados como em alto risco de vida para atividades físicas com risco de morte durante as aulas. Os alunos foram encaminhados para tratamento e, felizmente não tivemos nenhum tipo de incidente com aqueles alunos.

VIRANDO A CHAVINHA

Atuava como técnico de uma equipe de futebol feminina e chegamos a final de um campeonato bem preparados. Na manhã do dia do jogo, recebi a notícia do falecimento de um tio muito querido que me deixou muito abalado. Todos perceberam e contei o fato para que me entendessem. No caminho do vestiário encontramos as jogadoras da equipe adversária e, uma delas, olhou para mim e disse: “Nós vamos golear vocês hoje!” Aquelas palavras fizeram me reacender e assim mudei minha atmosfera e, de algum lugar uma energia me disse: “Não vamos perder esse jogo! Vamos ganhar de 3X1!”. Fomos para a preleção e aproveitei meus conhecimentos da Programação Neuro linguística para mexer com as meninas com músicas e desenhos. Naquele momento eu consegui entrar na mente das atletas e muitas até choraram mudando o cenário. Fomos para o jogo e deu tudo certo: ganhamos de 3X1 e fomos campeões daquele campeonato.

MEDALHAS DE OURO UNIDAS

Atuava como preparador físico de uma equipe de competição em alto rendimento de uma modalidade esportiva de lutas. Numa competição de nível internacional cada atleta que obtivesse a medalha de ouro, automaticamente faria parte como atleta titular da seleção brasileira da modalidade. Ao final da competição, cada atleta que obteve a medalha de ouro veio até mim e colocou sua medalha no meu pescoço como forma de gratidão a toda dedicação que tive com eles durante os três anos de preparação. Com várias medalhas no pescoço tiramos algumas fotos que estão guardadas com muito carinho e orgulho. Vale ressaltar que as atividades desenvolvidas desta equipe aconteceram a partir do meu projeto de pesquisa num programa de pós-graduação.

TUDO E TODO MOLHADO

Atuava como professor de Educação Física numa escola particular onde, as aulas de Educação Física eram desenvolvidas numa piscina, pequena. Nas aulas as crianças de 4 a 6 anos já começavam a fazer bons nados indo de uma borda a outra. A escola organizou um evento com as famílias num sítio, com piscina e eu poderia mostrar todos os

meus ensinamentos. Eu estava vestido com calça jeans, camisa, tênis, carteira e celular no bolso, mas, mesmo assim, pegava as crianças nos braços e os jogava longe da borda da piscina e pedia para que voltassem. Todos atenderam meu pedido, exceto um garoto que, ao jogá-lo na piscina, ao invés de retornar, foi em direção ao outro lado. Entretanto, a largura daquela piscina do sítio era bem maior que a largura da nossa piscina e assim que percebi sua ação pulei na piscina com toda minha vestimenta para pegar o garoto. Sai todo molhado, mas salvei o garoto.

TIROS NA QUADRA

Atuava como professor de Educação Física numa escola pública e a aula de Educação Física acontecia em uma quadra cercada por uma grade vazada, ou seja, quem estava do lado de fora da quadra, estava fora da escola e conseguia ver o que acontecia dentro da quadra, dentro da escola e vice-versa. Numa das aulas percebi uma movimentação estranha do lado de fora, seguida de gritos, correrias e tiros. Um grupo de indivíduos, armados, correu em direção à grade da quadra, pulou a cerca e entrou na escola. Esses indivíduos começaram a trocar tiros, de dentro da quadra, com indivíduos que estavam do lado de fora da escola. Imediatamente organizei meus alunos para que corresse em direção ao prédio administrativo e das salas de aula durante o tiroteio. Felizmente eu e todos os meus alunos conseguimos chegar a um local seguro e nem eu e nem ninguém da escola se machucou.

FIM DE AULA NO HOSPITAL

Atuava como docente em um curso de graduação em Educação Física no período noturno. Numa das aulas práticas, uma aluna me pede para ir ao banheiro e, passados dois ou três minutos escutamos gritos vindo daquele que a aluna estava e fomos rapidamente ver. A aluna estava no chão se contorcendo de dores sem conseguir se mover nem ficar em pé. Chamamos o socorrista da Instituição que identificou gravidade alta no caso e resolvemos ligar para o SAMU, Serviço de Atendimento Móvel de Urgência – 192. Colocaram a aluna no veículo do SAMU e eu fui como acompanhante até um hospital público para o atendimento que durou mais de 12 horas desde o momento da entrada até a saída. Fiquei toda a madrugada dentro daquele hospital. Ao amanhecer o dia com a liberação da aluna, sem ter dormido ou passado em casa, fui até uma das outras Instituições que ministrava aula para atender a turma do período da manhã.

IOGURTE COM ÁGUA

Atuava como professor de Educação Física numa escola particular onde, as aulas de Educação Física eram desenvolvidas numa piscina, pequena. Na organização dos horários

ressaltei que o lanche deveria ser dado depois da aula de natação pois, invariavelmente as crianças vão engolir água e podem vomitar. Eu sempre entrava na piscina com as crianças e, numa aula uma garota fazendo as atividades demonstrou vontade de vomitar. Rapidamente, percebendo aquilo, corri (dentro da piscina) em direção a garota, peguei-a em meus braços e levei-a até a borda. Assim que a levanto para tirá-la da piscina ela, com o rosto na minha direção, me deu uma golfada que só deu tempo de eu virar o rosto. O líquido aparentando ser iogurte, caiu no meu corpo e na piscina. Esse evento suscitou o cumprimento da minha proposta de dar o lanche apenas depois da aula de natação.

OBRANDO NA SALINHA

Atuava como comissário de voo de uma companhia aérea e éramos convencidos a fazer atividade física, concomitantemente a atividade nas aeronaves, por conta da compensação orgânica, pois na altitude dos aviões o ar é rarefeito trazendo danos para nossa saúde. Nos retornos para minha casa passava por uma academia de capoeira e num dia resolvi obter informações. Ao entrar, não achei ninguém e vi uma porta onde entrei. No fundo desta sala havia outra porta e eu a abri para entrar. Me deparei com um senhor extremamente obeso, pelado, sentado numa privada que me indagou: “O que você quer aqui?” Eu achei que seria indelicado pedir informações naquela situação e disse que queria fazer matrícula. Ele me mandou esperar fora da salinha e, a partir daí iniciei minhas práticas, me apaixonei pelas atividades físicas, pela capoeira e conseqüentemente fui buscar formação superior em Educação Física.

APESAR DE TUDO, AINDA PREFERIDA

Atuava como professor de Educação Física numa escola pública. Sistemáticamente em horários de aula regular, temos reunião de Conselho de Classe para discutir e encaminhar avaliações, posturas e conceitos dos alunos. Num destes dias, alunos do 9º ano foram reclamar por não concordar com o dia da reunião justificando a possibilidade de perda dos conhecimentos das aulas que não teriam. A direção achou louvável a manifestação e indagou quais aulas gostariam de ter no lugar daquelas aulas que não teriam. Os alunos responderam: “Educação Física, Arte e Música!” A direção disse que o conselho engloba todas as disciplinas. Os alunos rebateram dizendo então que, neste caso, queriam que as aulas de Educação Física fossem repostas. Isso demonstrou que, ainda com todas as dificuldades enfrentadas pela área, a Educação Física ainda tem grande preferência no ambiente da Educação Básica.

“CÊ É LOUCO TIO!!!”

Atuava como docente em um curso de graduação em Educação Física numa faculdade e certo dia de aula teríamos apresentação de seminário. Um dos grupos que contava com um grande número de participantes estava perfilado a frente da lousa, portando seus respectivos papéis com anotações e lembretes daquilo que iriam falar. Um dos últimos alunos pela ordem de fala estava bem incomodado com a situação e mostrava certo nervosismo cada vez que um colega terminava a sua fala. Sua vez de falar se aproximava e sua inquietação aumentava. Na sua vez, passada a palavra a ele, o mesmo indagou em alto e bom tom: “Cê é louco TIO!!!”. Todos os alunos caíram na risada e, posteriormente, após a recomposição dos alunos, retomamos a apresentação. O aluno que emitiu a frase fez sua apresentação, ainda um pouco abalado e nervoso, mas que no final deu certo.

ARMA NA CINTURA

Atuava na direção de uma faculdade com curso de graduação em Educação Física e certa noite recebi alunos em minha sala para tentar mediar um conflito. A história era que um aluno estava numa cabine do banheiro e percebeu a entrada de outros dois alunos que conversavam, concidentemente sobre este aluno que estava na outra cabine. O assunto dos dois no banheiro era de que ele tomaria providências sérias diante das atitudes daquele que estava na cabine quebrando sua cara. Escutando isso o homem que estava na cabine, aposentado com dificuldades de locomoção, saiu e a confusão começou. Em minha sala um dos homens disse que o aposentado havia lhe apontado uma arma. O aposentado disse que apenas mostrou a arma. Resolvi conversar separadamente com cada um e, ao final, perceberam que haviam tomado atitudes indevidas e cumprimentando-se, se desculparam e as aulas continuaram.

CUIDADO COM A PALAVRA MORTE!

Atuava como docente em um curso de graduação em Educação Física numa faculdade e fazia a recepção dos alunos ingressantes mostrando o funcionamento da faculdade, o mercado de trabalho e a formação acadêmica. A cada turma inicial eu dizia que muitos deles não terminariam o curso por vários motivos, como por exemplo, questões financeiras, questões emocionais, questões familiares, questão profissionais, questões de saúde, entre outras. Nessa fala eu ainda dizia, em tom irônico e de brincadeira que, alguns não terminariam o curso, pois iriam morrer antes. Numa destas turmas, antes do final do curso, um aluno extremamente presente sofreu um acidente e morreu. Os alunos, também em tom de brincadeira, ficavam me dizendo que o aluno morreu porque eu havia colocado essa “praga”. Aquela turma ficou marcada por isso e fez uma homenagem a ele e seus familiares na colação de grau.

PACIÊNCIA COM INSISTÊNCIA E COMPETÊNCIA

Atuava como professor de Educação Física numa escola pública e resolvi ampliar minha formação com a expectativa de atuar no ensino superior. Conheci o coordenador de um curso de Educação Física de uma faculdade particular e lhe dei meu currículo. Resolvi mandar um e-mail para ele perguntado sobre minhas possibilidades. Ele propôs duas aulas de sexta-feira, no curso noturno, depois do intervalo. Aceitei e antes de iniciar o semestre ainda assumi duas aulas nas quartas-feiras. Esse coordenador saiu da faculdade no final do semestre e um dos professores assumiu a coordenação mantendo a equipe, mas com intenções de montar a sua própria equipe, o que me causou certa preocupação. O coordenador me manteve na equipe por todo período que estive na coordenação onde tivemos um trabalho brilhante com excelentes resultados no ENADE (Exame Nacional de Desempenho de Estudantes). Somos amigos até hoje.

DESMORALIZANDO A VITÓRIA ALHEIA

Atuava como preparador físico de uma equipe de futebol society de um grande clube e os treinadores eram ex jogadores profissionais. Participávamos de um festival esportivo com uma equipe categoria sub 12 e a equipe adversária era dirigida por profissionais formados em Educação Física. Nossa equipe era bem inexperiente formada por associados do clube e o adversário tinha uma equipe bem superior. O placar apontava 5X0 para eles e nossos treinadores começaram a discutir com os treinadores da outra equipe. Um dos nossos treinadores disse: “Aqui é escolinha! Querem enfrentar nossos profissionais?” Na sequência nosso outro treinador viu o nosso goleiro reserva que tinha estatura bem baixa e disse: “Vamos colocar esse goleiro para desmoralizar a vitória deles”. O goleiro baixo entrou e o placar dobrou, 10X0. Nesse contexto os espectadores se posicionaram radicalmente contra a equipe vencedora.

PAI FORTE

Atuava como professor de Educação Física numa escola pública e as aulas aconteciam numa quadra descoberta. Todas as vezes que havia chuva, não podíamos usar a quadra e o local disponível era sempre a própria sala de aula da turma. Num destes dias de chuva, programei uma discussão para sala de aula com temáticas relacionadas a hipertrofia muscular, força muscular, treinamento de musculação, academias de ginástica, anabolizantes entre outros temas que estavam sendo constantemente discutidos pelos alunos nos corredores e nos intervalos de aula. A discussão rendeu boas reflexões possibilitando assim que os alunos entendessem algumas questões relacionadas a essas perspectivas. No final da aula, um aluno veio até mim apontando-me o dedo indicador e disse: “Professor o meu pai é muito mais forte que você!” E eu rapidamente respondi: “Eu

acredito! Para aguentar você tem que ser forte mesmo!”.

PERNAS ARQUEADAS PARA QUE TE QUERO

Atuava como docente em um curso de graduação em Educação Física numa faculdade e os alunos tiveram uma vivência na área dos Socorros de Urgência. O palestrante explicou como se deve atender uma pessoa com fratura em um dos membros inferiores dizendo que era preciso observar o tipo de fratura e posteriormente amarrar uma tala de madeira imobilizando a parte afetada. Um aluno perguntou: “Caso não tenha tala o que devo fazer?” E obtive como resposta: “Você deve amarrar uma perna do paciente na outra, imobilizando completamente os seus membros inferiores”. E o aluno continuou: “O que devo fazer caso o acidentado tenha as pernas arqueadas? O serviço ficará péssimo!” E a resposta foi: “Nesse caso você deve amarrar a sua perna na perna do acidentado e ficar preso a ele até que encontre uma melhor solução, pois, ao que parece, sua perna não é arqueada!”

UM TAPINHA NÃO DÓI

Atuava como professor de Educação Física numa escola particular e tinha um aluno de 4 anos que constantemente batia na bunda das mulheres que atravessavam seu caminho: professoras, coordenadoras ou equipe de limpeza. Conversávamos constantemente com ele dizendo da proibição em fazer aquilo, pois, além da agressão, estava tocando o corpo de uma mulher sem a sua permissão. As conversas não surtiram efeito e chamamos seus pais para uma reunião comigo e com as coordenadoras. A coordenadora iniciou a conversa dizendo: “Seu filho invariavelmente bate na bunda das mulheres que passam ao seu lado”. A mãe deu uma bronca no marido e disse: “Tá vendo! Eu falei para você parar de bater na minha bunda!” Todos riram e entendemos a atitude do aluno, mas não era justificada e, por isso, o trabalho continuou, agora com a ajuda dos pais para que ele parasse de bater na bunda das mulheres.

PNL: VIRANDO O JOGO

Atuava como técnico de uma equipe feminina de futebol e naquele ano tivemos uma participação muito ruim no campeonato estadual. Em seguida iríamos iniciar a participação no campeonato brasileiro enfrentando praticamente os mesmos adversários que haviam nos derrotado no campeonato estadual. Após reuniões com a comissão técnica e diretoria, resolvemos contratar um coach de PNL: programação neurolinguística. Esse profissional fez um trabalho fabuloso e tivemos jogos com viradas de placar muito marcantes que foram atribuídas, em especial, a este trabalho. Terminamos o certame em 5º lugar, sendo a melhor classificação da nossa equipe de todos os tempos e ainda por cima bem melhor do que a

nossa participação no evento estadual. Esse coach foi fundamental para o desenvolvimento e melhora do desempenho do nosso time indicando que equipes multidisciplinares sempre tendem a obter bons resultados.

REFLEXÕES

Se você foi aluno, colega ou atleta de alguns dos autores desta obra não se surpreenda se reconhecer algum “causo” até podendo ter sido protagonista.

Quem é professor de Educação Física pode provar os sabores e dissabores que as diferentes intervenções da área são capazes de nos oferecer.

Essa área tão ampla e, ao mesmo tempo tão rica em ensinamentos e aprendizados, favorece não apenas os aprendizes, mas em especial a nós mesmos que a todo momento somos colocados à frente de alguma situação e temos que resolver naquele momento baseados muitas vezes nas nossas experiências e intuições.

Dividir nossas experiências e nossas decisões, além de ser muito gratificante, é de extrema importância para os profissionais da área no sentido de evitar cometer erros já cometidos.

“Se tiver que errar, erre erros novos e não aqueles que já foram errados.”

A cada evento um aprendizado, a cada história um encaminhamento, a cada desfecho uma memória.

Os autores desta obra, ou seja, aqueles que vivenciaram cada um dos “causos” lançam o seguinte desafio a você leitor:

“O que você faria se estivesse no lugar do profissional que contou a história?”

Mande para o perfil do Instagram do livro:

@causosdaef

ALEXSANDRO DA SILVA - Licenciatura plena em Educação Física – UPE. Especialização em Treinamento Desportivo – UNINTA. Mestrado em Educação – UPE.

CELSON LUIZ BASTOS - Licenciatura Plena em Educação Física – USP. Especialização em Voleibol – USP. Mestrado em Educação – UNICID.

CLEBER LUCAS SANTOS - Licenciatura em Educação Física – FAD. Bacharelado em Educação Física – SENAC SP. Especialização em Treinamento de Força – UNIDRUMMOND.

DÉBERSON FERREIRA DE ALMEIDA - Licenciatura plena em Educação Física – FEFISA. Licenciatura em Pedagogia – UNINOVE. Bacharelado em Direito – FAD. Especialização em Fisiologia do Exercício – UNIFESP. Especialização em Docência e Performance na Educação a Distância – UNIAMÉRICA. Mestrado em Educação – PUC/SP.

ENOCK DE GOES SANTANA - Licenciatura Plena em Educação Física – UPE. Bacharelado em Ciências Sociais – UFRPE. Bacharelado em Direito – FACHUCA. Especialização em Educação Física Escolar – UPE. Especialização em Formação de Educadores – UFRPE. Especialização em Programação de Estudos das Américas – FAINTVISA. Mestrado em Psicologia da Educação- UNISLA/Porto – Portugal.

EVERALDO VIEIRA SILVA - Licenciatura plena em Educação Física – FEFISA. Especialização em Fisiologia do Exercício – UNIFESP. Especialização em Psicopedagogia – MACKENZIE.

IVAN CANDIDO DE SOUZA - Licenciatura Plena em Educação Física – UNICID. Licenciatura em Pedagogia – UNICSUL. Mestrado em Educação Física – USJT.

LUCAS DUARTE TAVARES - Licenciatura em Educação Física – UNICID. Bacharelado em Educação Física – UNICID. Especialização em Fisiologia do exercício – UNICID. Mestrado em Ciências/Educação Física – USP. Doutorado em Ciências/Educação Física – USP.

LUCIANA LOMAKINE - Licenciatura Plena em Educação Física – FEFISA. Especialização em Dança – Educação Física – UNIFEC. Mestrado em Artes Corporais – UNICAMP.

LUIZ AURELIO CHAMLIAN - Licenciatura Plena em Educação Física – FEFISA. Especialização em Recreação – FEFISA. Especialização em Lazer e Animação Sociocultural – SENAC/CEATEL. Mestrado em Educação – UNICID.

MARCELO FEITOSA DA SILVA - Bacharelado em Educação Física – USJT. Mestrado em Educação Física- USJT.

MARCO ANTONIO UZUNIAN - Licenciatura em Educação Física – UNICID. Bacharelado em Educação Física – UNICID. Técnico em Treinamento de Força – FEPAM. Especialização em Fisiologia do Exercício – UNICID.

MARCONE BARROS DOS SANTOS - Licenciatura Plena em Educação Física – UPE. Especialização em Treinamento Desportivo – UNINTA.

PÉRICLES DE FREITAS FERREIRA - Licenciatura Plena em Educação Física – UFPE. Graduação em Psicologia – ESUDA. Especialização em Ciências do esporte – UFPE. Especialização em projetos sociais – UFRJ. Mestrado em Psicologia esportiva – UGF.

RODNEY BATISTA DOS SANTOS - Licenciatura Plena em Educação Física – FEFISA. Especialização em Gestão Escolar – UMESP. Mestrado em Educação – UMESP.

SERGIO LUIZ DE SOUZA VIEIRA - Licenciatura Plena em Educação Física – FIG/UNIMESP. Licenciatura em Pedagogia – UNIÍTALO. Especialização em Ginástica – FIG/UNIMESP. Especialização em Educação Física Infantil – FIG/UNIMESP. Especialização em Formação a distância – UNIP. MBA em Gestão da Sustentabilidade – UNINOVE. Mestrado em Ciências Sociais – PUC/SP. Doutorado em Ciências Sociais – PUC/SP. Doutorado em Serviço Social – PUC/SP. Pós-Doutorado em Administração – FEAUSP. Pós-Doutorado em Ciências da Educação – UMINHO/Portugal.

SHEILA PEREIRA DA SILVA - Licenciatura em Educação Física – UNIDRUMMOND. Bacharelado em Educação Física – UNIDRUMMOND. Licenciatura em História – UFMS. Educação continuada em Transtorno do Espectro Autista AEDREHC – HC/SP. Desenvolvimento Esportivo – CEAR – COB/IOB.

SILVIA MARIA PEREIRA - Licenciatura Plena em Educação Física - UNIFMU. Especialização em Treinamento Personalizado – UNIFMU. Especialização em Psicodrama – FLAMINGO. Especialização em Psicologia Positiva – INFNYT. Especialização em Análise Psicossomática – IJEP. Mestrado em Psicologia – UNIFIEO.

UBIRATAN SILVA ALVES - Licenciatura Plena em Educação Física – USP. Licenciatura em Pedagogia – UNINOVE. Especialização em Educação Motora – UNICAMP. Especialização em Formação a distância – UNIP. Mestrado em Educação – USP. Doutorado em Educação Física – UNICAMP.

THERENCE SANTIAGO ALVES FEITOSA - Licenciatura Plena em Educação Física – UNICID. Especialização em História, Antropologia e Sociologia – PUC/SP. Mestrado em História Social – PUC/SP. Doutorado em Comunicação e Semiótica – PUC/SP.

“Causos” na Educação Física: resenhas da área



www.atenaeditora.com.br



contato@atenaeditora.com.br



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2023

“Causos” na Educação Física: resenhas da área



www.atenaeditora.com.br



contato@atenaeditora.com.br



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2023